

FAV

FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



UFG

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

Trabalho de conclusão de curso

UTOPIA ILUSTRADA DE GOIÂNIA

Larissa Peixoto Fleury
Orientador: Profa. Marcelina Gorni



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Larissa Peixoto Fleury

Título do trabalho: Utopia ilustrada de Goiânia

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Larissa Peixoto Fleury
Assinatura(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as) ²

Ciente e de acordo:

Maurina Góes
Assinatura do(a) orientador(a)

Data: 20 / 07 / 21

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(a)(s) autor(a)(es)(as) e ao(a) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

LARISSA PEIXOTO FLEURY

UTOPIA ILUSTRADA DE GOIÂNIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

GOIÂNIA, 2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Fleury, Larissa Peixoto
Utopia Ilustrada de Goiânia [manuscrito] / Larissa Peixoto Fleury. -
2021.
XCI, 91 f.: il.

Orientador: Profa. Marcelina Gorni.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Arquitetura e
Urbanismo, Goiânia, 2021.

Bibliografia.
Inclui lista de figuras.

1. Utopia. 2. Goiânia . 3. Cidade Utópica. 4. Morus. 5. Harvey . I.
Gorni, Marcelina, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ARQUITETURA E URBANISMO

No dia 15 de junho de 2021 foi realizada a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**Utopia Ilustrada de Goiânia**”, de autoria de **LARISSA PEIXOTO FLEURY (matrícula UFG - 201506901)**, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. A Banca Examinadora foi instalada pela Profa. Marcelina Gorni, orientadora do trabalho, com a participação dos demais membros:

- Profa. Marília Solfa - Membro Externo Convidado
- Prof. Fernando Antonio de Oliveira Mello - Prof. FAV/UFG
- Prof. Bráulio Romeiro - Prof. FAV/UFG

Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **9,0 (NOVE)**, tendo sido o TCC considerado **APROVADO**.

Observações da Banca:

- A banca considera o trabalho de muita qualidade, muito bonito, bem diagramado e que faz uma construção gradativa da temática de forma muito interessante, se pautando no uso dos desenhos feitos à mão.
- Um aspecto pertinente é a exploração de uma reflexão pautada numa alteração do sentido dos tradicionais projetos explorados no TCC e que permite a construção de uma reflexão interessante. Existe uma clara posição crítica para com as relações convencionais em que se estruturam os espaços da cidade atual.
- As referências visuais foram muito positivas, especialmente por ter se apoiado em artista goiano. Mas a adoção do artista gráfico e visual Heath Robinson acaba trazendo uma chave de leitura mais baseada na distopia, com senso de humor sobre os usos das tecnologias modernas, e nisso se distancia um pouco do caráter utópico proposto no trabalho.
- A banca elogia a opção de se apoiar em duas teorias utópicas tão distantes no tempo e espaço, Morus e Harvey. Mas questiona também o porquê de não ter passado pelas teorias de cidades utópicas dos anos 1960 e 1970 como a New Babylon de Constant Nieuwenhuis, justamente porque também traz referências gráficas, visuais e de estruturas interessantes.
- A temática adotada mostra-se bastante atual ao focar as relações entre cultura, civilização e natureza, que são questões tão atuais e ainda tão trazidas à tona recentemente em virtude da recém emergente pandemia de COVID19. Uma outra forma de pensar que não aparece explícito no trabalho, mas que está o tempo todo presente é esse repensar as novas relações ameríndias que estão em pauta por autores como Ailton Krenak.
- Ponto alto do trabalho foi traçar o cenário atual e ir costurando conceitos que não vemos tão frequentemente como a questão dos rios ocultos, especulação imobiliária, gentrificação e atrelamento à áreas verdes privilegiadas na cidade.
- Poderia ter explorado mais no trabalho o processo de produção das pinturas que fazem parte dele, são interessantes, e parecem remeter ao debate das paisagens e natureza.
- A radicalidade presente no discurso não aparece tanto representada nos desenhos. Talvez pela dissociação entre o pensamento do discurso verbal e o visual.
- Por fim, a banca aponta o potencial bacana em relação à capacidade ilustrativa do trabalho e seu discurso crítico em relação à cidade. As imagens da utopia são muito potentes e aparecem com toda a sua força disruptiva no sentido de apresentar uma cidade inclusiva e sustentável.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelo Orientador e pela Coordenação de Curso.



Documento assinado eletronicamente por **Marcelina Gorni, Professora do Magistério Superior**, em 18/06/2021, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antônio Oliveira Mello, Coordenador de Curso**, em 21/06/2021, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Bráulio Romeiro, Professor do Magistério Superior**, em 23/08/2021, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2115466** e o código CRC **4F6AB0ED**.

RESUMO

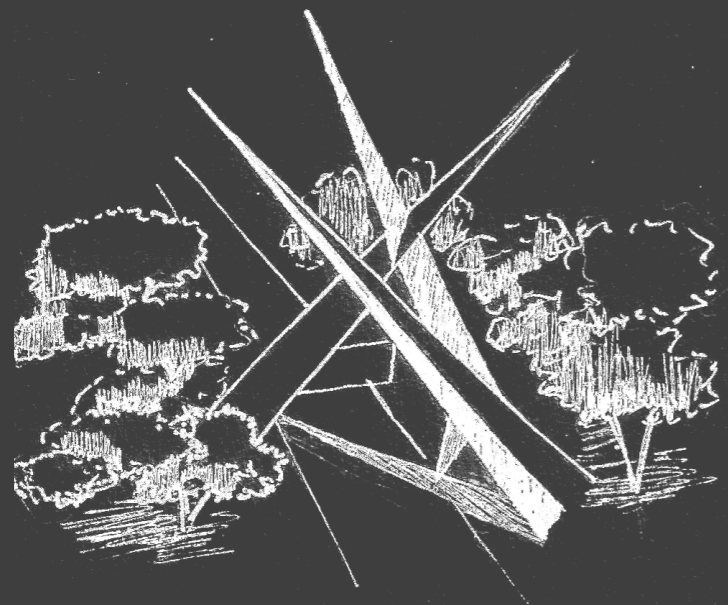
Neste trabalho de conclusão de curso me propus a estudar duas utopias desenvolvidas ao longo da história: A primeira é a Utopia descrita por Thomas Morus, no século 16 - primeira Utopia escrita que se tem conhecimento - e a segunda é a Utopia do David Harvey, já escrita em um contexto contemporâneo, no final do século XX. A partir dessas duas leituras elaborei desenhos à mão livre sobre cenários específicos da cidade de Goiânia, através dos quais traço especulações sobre como seriam esses espaços se fossem adotados nesses alguns princípios utópicos. Ao me apropriar e aplicar os principais pontos debatidos dentro das obras de cidades utópicas estudadas, busco problematizar e questionar aspectos controversos sobre as práticas correntes da construção de uma cidade contemporânea. Busquei levantar, apontar e representar uma cidade Utópica de Goiânia que seja mais acolhedora, sustentável e saudável para a vivência humana de todos. Ao final do processo, os textos teóricos que me serviram de base e de inspiração, acabam sendo expandidos em proposições mais pessoais e abrangentes, de minhas próprias inquietações sobre as características necessárias e indispensáveis que define uma cidade como agradável e aprazível de se viver. Nesse sentido, não me contive estritamente às descrições dadas por Morus e Harvey, mas procurei extrapolá-las nas minhas representações da Goiânia Utópica por mim realizadas.

Palavras-chave: Utopia; Goiânia; Cidade Utópica; Morus; Harvey; Desenhos

ABSTRACT

In this graduation paper I set out to study two utopias developed throughout history: The first is the Utopia described by Thomas Morus, in the 16th century - the first written Utopia that is known - and the second is the Utopia of David Harvey, written in a contemporary context, in the end of the 20th century. From these two readings, I created freehand sketches about specific scenarios in the city of Goiânia, through which I trace speculations about what these spaces would be like if some utopian principles were adopted in them. By appropriating and applying the main points debated within the works of utopian cities studied, I seek to problematize and question controversial aspects about current practices in the construction of a contemporary city. I seek to raise, point out and represent an Utopian city in Goiânia that is more welcoming, sustainable and healthy for everyone. At the end of the process, the theoretical texts that served as basis and inspiration, ended up being expanded into more personal and comprehensive propositions, from my own concerns about the necessary and indispensable characteristics that define a city as pleasant and pleasant to live. In this sense, I did not restrict myself exclusively to the descriptions given by Morus and Harvey, and I tried to extrapolate them in the representations of *Goiânia Utópica* made by me.

Keywords: Utopia; Goiânia; Utopian City; Morus; Harvey; Sketches



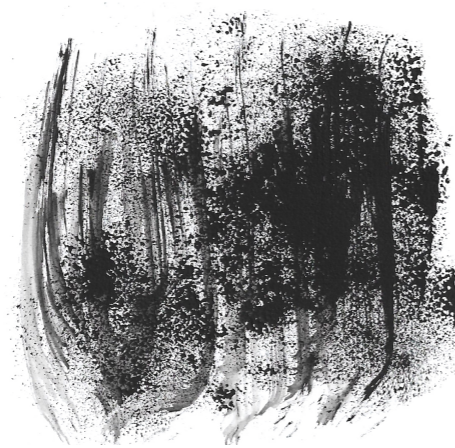
SUMÁRIO

INTRODUÇÃO



O tema pg.21
Justificativa pg.25
Objetivos pg.27
Metodologia pg.28

REFERENCIAL TEÓRICO



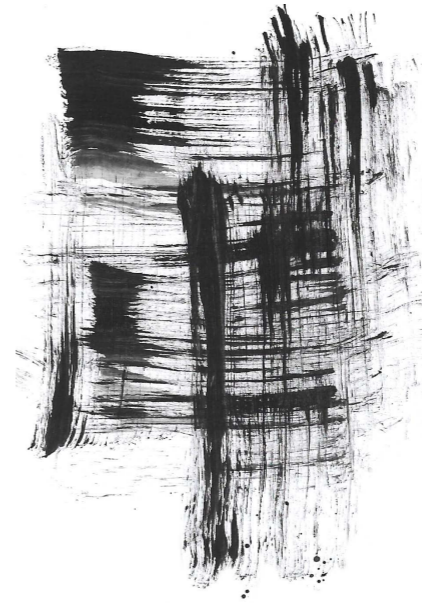
Thomas Morus pg.32
David Harvey pg.38

REFERENCIAL GRÁFICO VISUAL



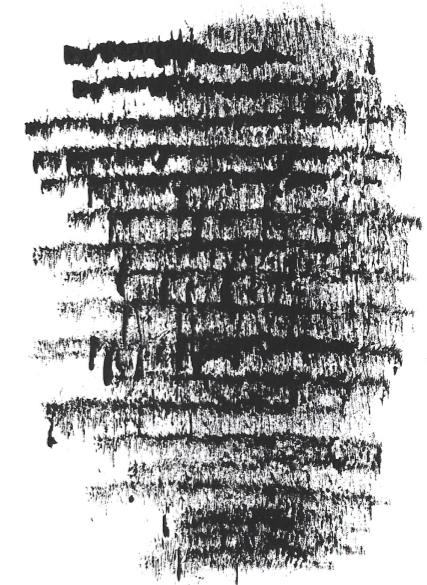
Heath Robinson pg.44
Marcelo Solá pg.46

GOIÂNIA UTÓPICA



O cenário atual pg.50
A Goiânia Utopica pg. 54

REFERÊNCIAS TOTAIS



Referências de Imagens pg. 85
Referências Bibliográficas pg.89

INTRODUÇÃO

Nessas próximas etapas irei introduzir o tema do Trabalho de Conclusão de Curso, discorrendo acerca do pensamento Utópico e apresentando minhas justificativas, objetivos e metodologia.

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.

Eduardo Galeano



Fig. 01 - Pintura abstrata à mão.



Fig. 02 - Pintura abstrata à mão.

O TEMA: UTOPIA E CIDADES UTÓPICAS

O pensamento utópico tem como precursor o filósofo e pensador inglês Thomas Morus, que, no início do século 16, escreveu um livro no qual ele retrata uma ilha imaginária com uma organização socioespacial diferente. Utilizando-a como metáfora, ele discute temáticas do contexto inglês daquele período. Através de uma imaginação espacial, ele reflete acerca dos problemas da época, debatendo a lógica que estava sendo imposta à sociedade e discutindo um modelo de cidade ideal. Dessa fábula literária, surge a corrente de pensamento utópico como possível solução alternativa para o planejamento urbano. Desde então, foram desenvolvidas diversas utopias dentro do campo teórico da arquitetura e do urbanismo, fazendo com que o ato de imaginar um outro mundo possível esteja dentro de uma grande parte da história do planejamento urbano.

Deve-se ter em vista, que as cidades são núcleos complexos e as tradicionais formas de organização baseadas sobretudo em critérios técnico-rationais, que vem servindo de base para a produção de nossas cidades há mais de um século, não tem se mostrado plenamente eficazes para solucionar de fato a também complexa demanda da nossa população. Isso nos faz questionar a maneira como pensamos e fazemos nossas cidades. Será que seguir padrões técnicos, repetir soluções e se pautar estritamente na praticidade e racionalidade é realmente a melhor maneira de melhorarmos as nossas cidades e a qualidade de vida das pessoas? No texto "Cidades Complexas do século 21" a autora Maria Margarida Cavalcanti

fala que é necessário olhar o problema através de uma perspectiva diferente, mais abrangente e interdisciplinar (LIMENA, 2001, 38). O olhar artístico, subjetivo e poético nos conecta com o objeto, e por isso é um modo de ampliar as possibilidades de exercitar o pensamento através da crítica e da reflexão. É uma maneira alternativa de entender o espaço, de olhar para o problema através de uma perspectiva ampliada e assim experimentar soluções novas. No entanto, nossa sociedade é caracterizada pelos excessos e pelo efêmero, e isso tem feito com que estimular a imaginação criativa nos dias atuais se torne um desafio. Somos bombardeados por informações a todo momento. Temos contato com diversas imagens, de fácil acesso e em alta velocidade, o tempo todo. A consequência disso é que somos cada vez menos incentivados a desenvolver uma imaginação criativa individual (PALLASMAA, 2013, "A Imagem Corporificada", pg.15). É nesse contexto que grande parte da arquitetura de nossas cidades é produzida: sob a predominância da esfera visual, que, muito mais preocupada e focada nas questões ligadas à sua aparência, negligencia os outros sentidos igualmente importantes na percepção global do espaço e pertinentes na concepção de um projeto de arquitetura e de espaço urbano.

Sendo assim, o pensamento sobre cidades e condições urbanas utópicas é uma forma de pensar novos espaços e criar soluções, possibilitando imaginar e criar uma nova realidade que não esteja amarrada tão exclusivamente a padrões técnicos, políticos e econômicos de desenvolvimento da sociedade.

Utopia (u; não e topos; lugar) pelo significado da palavra quer dizer “não lugar” ou “lugar nenhum”. O prefixo “u” dá à palavra um sentido negativo, o de um lugar que nada têm em comum com o lugar atual, um lugar irreal. No entanto, um outro prefixo grego “eu”, que significa nobreza, justiça, bondade e abundância, dá um sentido positivo à palavra, o que fez que, com o tempo, o termo utopia adquirisse também o significado de “lugar ideal”, “lugar perfeito”. (CHAUÍ, 2008, pg.7)

O significado da palavra carrega em si o traço definidor de todo o discurso utópico. Vivemos em uma época em que as utopias, de forma geral, são vistas com pessimismo e descrença. As imagens do futuro tecnológico produzidas por filmes e pela literatura, por exemplo, costumam mostrar um cenário pós apocalíptico, sugerindo perspectivas pouco promissoras para as cidades atuais. Enquanto propostas baseadas prioritariamente em critérios técnico-racionais seguem aparecendo como a solução dos problemas de nossas cidades, artistas, filósofos, poetas e romancistas se contrapõem a esse entusiasmo, e

expressam suas preocupações com um futuro utópico baseado não em experiências compartilhadas, mas no conhecimento técnico. (LIMENA, 2001, 38)

Para Maurício Brugnaro Júnior, cientista social pela UNICAMP, o direcionamento das utopias para a realidade, ou seja, a tentativa de aplicação direta das mesmas no mundo real, direciona às distopias. A cidade utópica não tem como vocação ou objetivo maior a materialização, a cidade utópica é construída através de uma reflexão crítica sobre a sociedade. (CHOAY, 1979, p.6-7) Sendo assim, as utopias são reflexões acerca da sociedade, da política e dos espaços, que resultam em um instrumento crítico e feroz do pensar a realidade. A eficácia da utopia está em sua força crítica, na exploração do impossível e em seus questionamentos.

A Utopia tange a esfera da arte, que é essencial às transformações. Como parte de uma visão romântica, fundamental do processo libertário e revolucionário, a utopia pela arte serve de instrumento para o rompimento de um momento, ou situação na sociedade, e também para a construção do novo.



Fig. 03 - Pintura abstrata à mão.

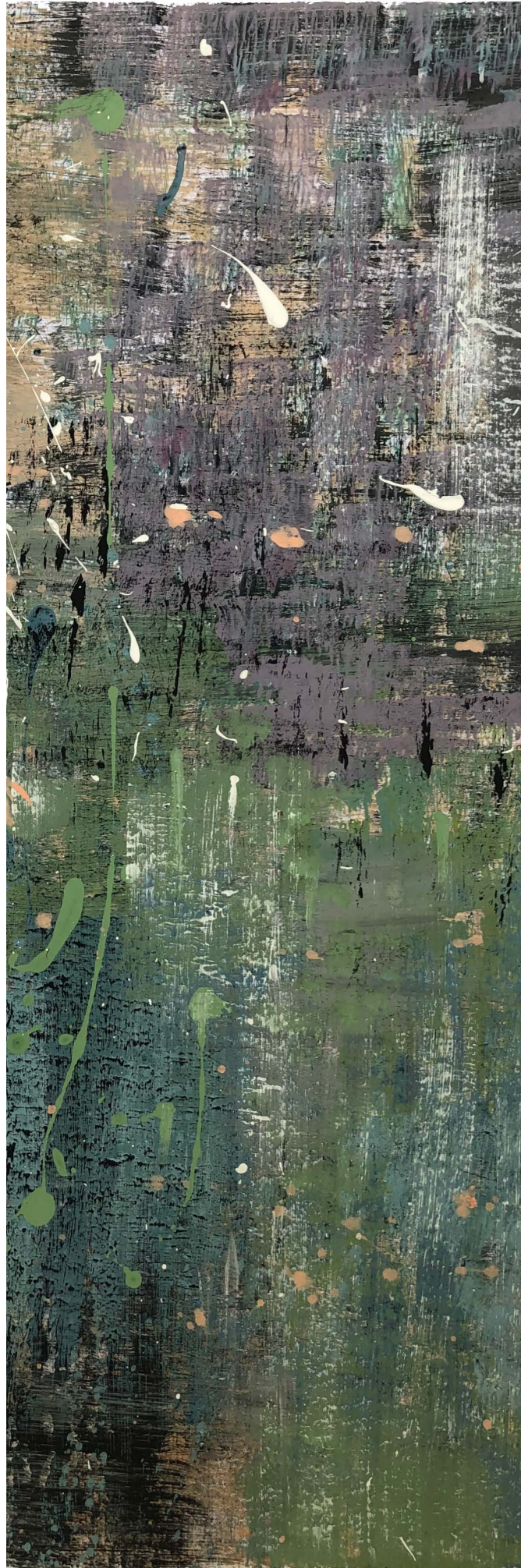


Fig. 04 - Pintura abstrata à mão.

“Um dos maiores paradoxos da cultura contemporânea, é que, em uma época que a imagem reina soberana, a própria noção de criatividade humana parece estar sob crescente ameaça.”

(KEARNEY, 1994, apud PALLASMAA, “A Imagem Corporificada”, 2013, pg. 14)

JUSTIFICATIVA

Antes do mundo materialista, mecanicista e industrial, as atividades eram mais próximas do mundo natural e por isso tinham uma relação de causa e efeito que possivelmente exercia uma forte influência na maneira como as pessoas compreendiam a realidade e os espaços. Hoje somos muito desconectados da natureza e dos processos de produção de tudo o que compõe nossas cidades.

Na sua essência, a arquitetura é um processo profundamente artesanal. Quando a arquitetura surgiu como campo específico de atuação ela estava muito mais perto das artes e da escultura do que hoje em dia, o que mantinha um sentimento de proximidade e intimidade do arquiteto com os processos de produção.

Com o mundo moderno, cada vez mais o arquiteto se afasta de seu produto, especializando o seu campo de atuação e separando funções. As próprias ferramentas atuais de projeto, os inúmeros e diferentes tipos de softwares computacionais, criam distanciamento da relação tátil e sensorial entre a imaginação e objeto de projeto. Através do olhar poético e artístico é possível desenvolver e estimular a nossa criatividade. Esses aspectos deixam a desejar no ensino de arquitetura e urbanismo em grande parte das universidades. As consequências para o meio profissional aparecem como uma arquitetura que muitas vezes se apresenta falha em termos de materialidade sensorialmente qualificada.

Ao longo da faculdade visitamos diversos temas da arquitetura e do urbanismo e vemos todo o potencial que as nossas cidades têm e como podemos torná-las melhor. No entanto, ao en-

trarmos no mercado de trabalho existe uma resistência às tradicionais políticas de planejamento urbano apenas dentro dos campos voltados à reflexão. Ao passo que, dentro dos escritórios de arquitetura, como modo de se adequar e sobreviver financeiramente, isso é pouco contestado e acabamos construindo da mesma maneira de sempre: reféns do sistema. O pensamento utópico é uma forma de estimularmos nossa criatividade e pensarmos em soluções novas.

A pandemia do Coronavírus agravou ainda mais a já existente crise política, social, econômica e sanitária de nossas cidades. A iminência de um surto viral a nível global já vem sendo discutido por cientistas e pesquisadores há anos. No entanto, a sociedade contemporânea é caracterizada pelo fortalecimento das políticas liberais, por um crescente desrespeito pelas ciências, pela história, pelas artes e pelo pensamento crítico em geral. Isso, somado aos grandes índices de informalidade no trabalho, e o descaso com os sistemas de serviço público fizeram a pandemia acontecer e se agravar da maneira que assistimos nos últimos tempos. Em meio a esse cenário se faz necessário pensar em soluções novas, sonhar com um mundo melhor, mais justo, sustentável e humano a partir do pressuposto de que a nossa realidade é inaceitável.

Está na hora de pensarmos cidades que valorizem o útil e o que temos de disponível na natureza, ao contrário da lógica pós moderna onde “só tem uma velocidade de funcionamento - mais rápido; só tem um destino atrativo - mais longe; só um tamanho desejável - maior; só um objetivo racional - mais” (MUMFORD, 1990, apud LIMENA, 2001, pg. 38)



Fig. 05 - Pintura abstrata à mão.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é questionar o formato, a distribuição, o funcionamento e a organização das nossas cidades atuais através da elaboração de desenhos a mão livre que apliquem no cenário da cidade de Goiânia uma concepção de cidade ideal baseado nas ideias centrais propostas nas Utopias desenvolvidas pelo Thomas Morus e pelo David Harvey. A partir disso meus objetivos específicos são:

01 Refletir acerca das problemáticas atuais de Goiânia.

Experimentar formas lúdicas, criativas e manuais de pensar - e representar - a cidade.

03 Adaptar as Utopias previamente estudadas para o contexto atual na cidade de Goiânia

Produzir conteúdo gráfico visual subjetivo como forma de representação de uma utopia urbana, baseada no caso da cidade de Goiânia.

05 Desenvolver a minha própria concepção de cidade ideal ou de cidade utópica

01

Estudo bibliográfico dos textos de Pallasmaa - Imagem Corporificada e Mãos Inteligentes.

Na primeira etapa do Volume I deste trabalho foi feita a leitura de dois livros de Pallasmaa - Imagem Corporificada e As Mãos Inteligentes: a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura.

Tal estudo teve por finalidade determinar um embasamento teórico acerca da abordagem gráfica, de representação manual e conceitual para o trabalho.

02

Estudo bibliográfico da obra Utopia de Thomas Morus

A fim de entender o espaço físico e a organização urbana da ilha descrita no livro foram feitos desenhos esquemáticos, perspectivas e croquis acerca dos ambientes e partes da ilha descritas pelo autor em seu texto. Para sis-

tematizar as informações sobre as formas de organização da sociedade e do espaço, foi feita uma tabela e a partir disso foi possível estabelecer os pontos centrais da sociedade idealizada por Thomas Morus.

03

Estudo da proposta utópica descrita por David Harvey: Edília ou “faça disso o que quiser”

No intuito de ter um embasamento teórico através de uma proposta utópica mais atual e com problemáticas contemporâneas foi feito um estudo da Edília, utopia descrita por

David Harvey, e como exercício de compreensão foram feitos croquis que aplicam as propostas no cenário urbano de Goiânia.

04

Estudos de exemplares de representação visual e gráfica que traduzem visualmente o que almejamos representar em termos de qualidade imagética para os nossos desenhos propositivos para a Goiânia Ideal.

05

Elaboração de intervenções utópicas para a cidade de Goiânia através de ilustrações e croquis a mão livre.

Essa etapa do trabalho consiste na elaboração de ilustrações, a fim de explorar as possibilidades de criação através de representações gráficas visuais de paisagens de soluções utópicas. Para isso foram primeiramente elencados cenários/problemáticas na cidade de Goiânia. A seguir, foram feitas propostas de inter-

venção gráfica visual com base em fotografias de trechos relevantes e emblemáticos da cidade de Goiânia, de modo a materializar os conceitos adotados de uma cidade ideal ou utópica com base nas ideias centrais das utopias estudadas anteriormente.

06

Produção de pinturas

Uma etapa importante também foi a composta pela produção de pinturas/desenhos abstratos que, através de um olhar subjeti-

vo, traduziram minhas percepções acerca do trabalho e das paisagens ideais nos desenhos representados.

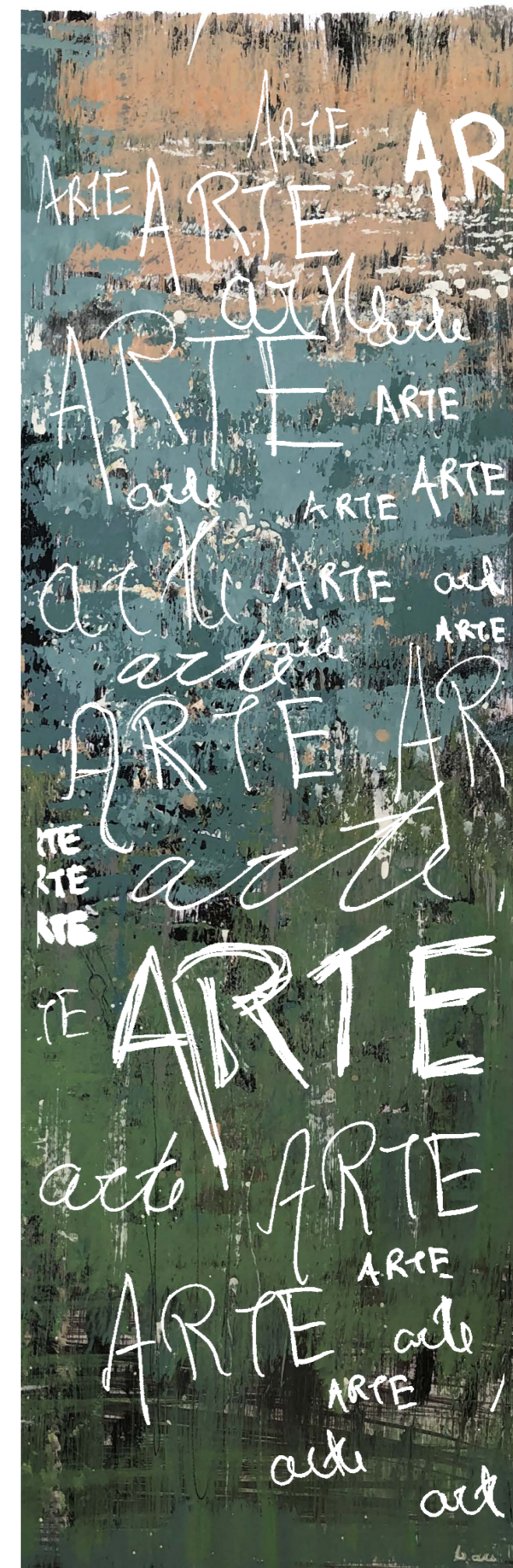
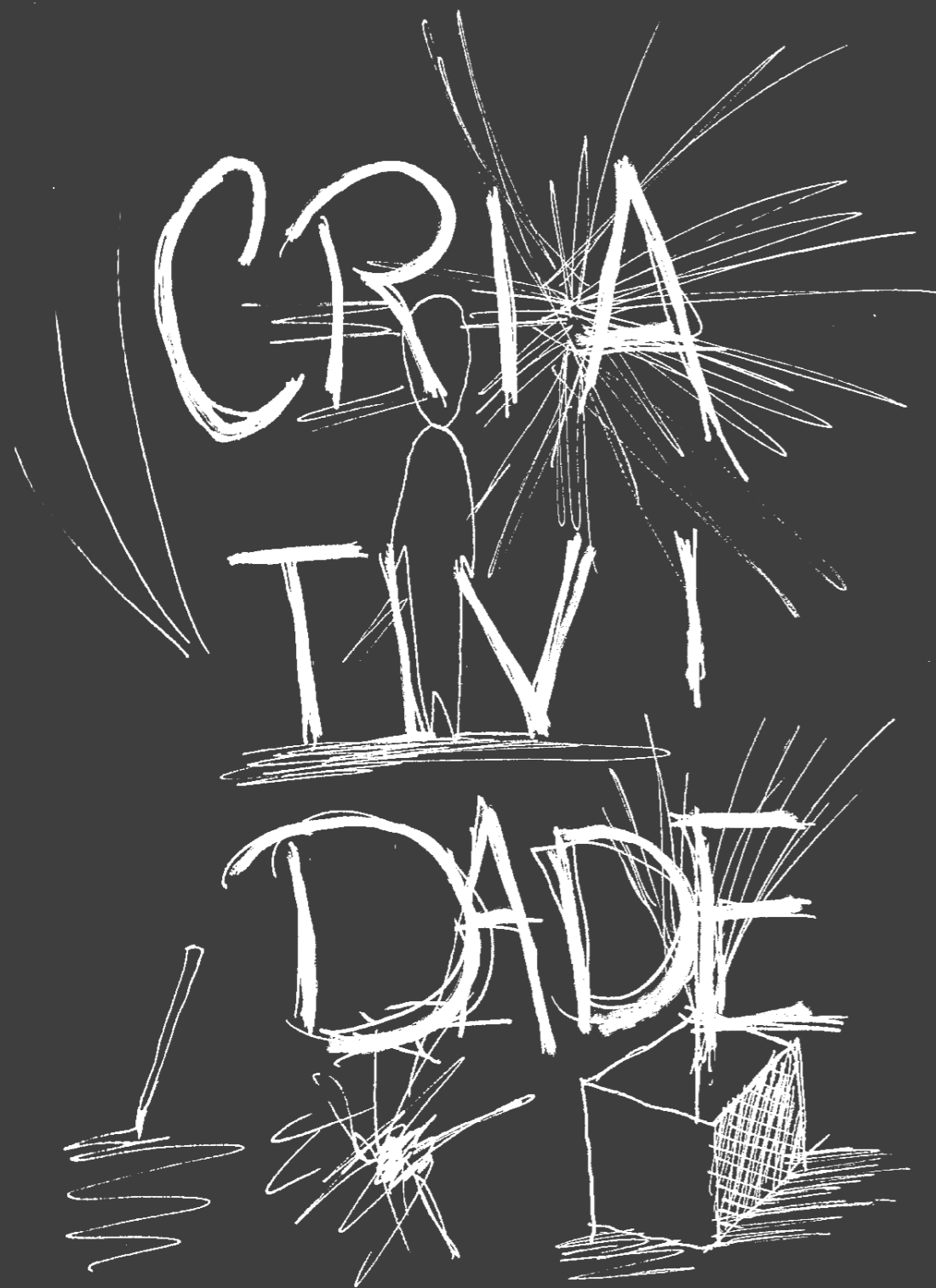


Fig. 06 - Pintura abstrata à mão com sobreposição digital.



REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Foi escolhido como referencial teórico inicial para este trabalho a Utopia do Thomas Morus, reconhecida como precursora do pensamento Utopico, foi a partir dela que surgiram a maior parte das Utopias desenvolvidas no campo teórico da Arquitetura. Em um segundo momento, contrastando com a temporalidade da obra de Morus, foi escolhida para estudo a Utopia desenvolvida pelo David Harvey, no final do século 20, a fim de ter uma visão contemporânea acerca do pensamento utópico. Nessa etapa irei apresentar os principais pontos estudados nas duas obras mencionadas.

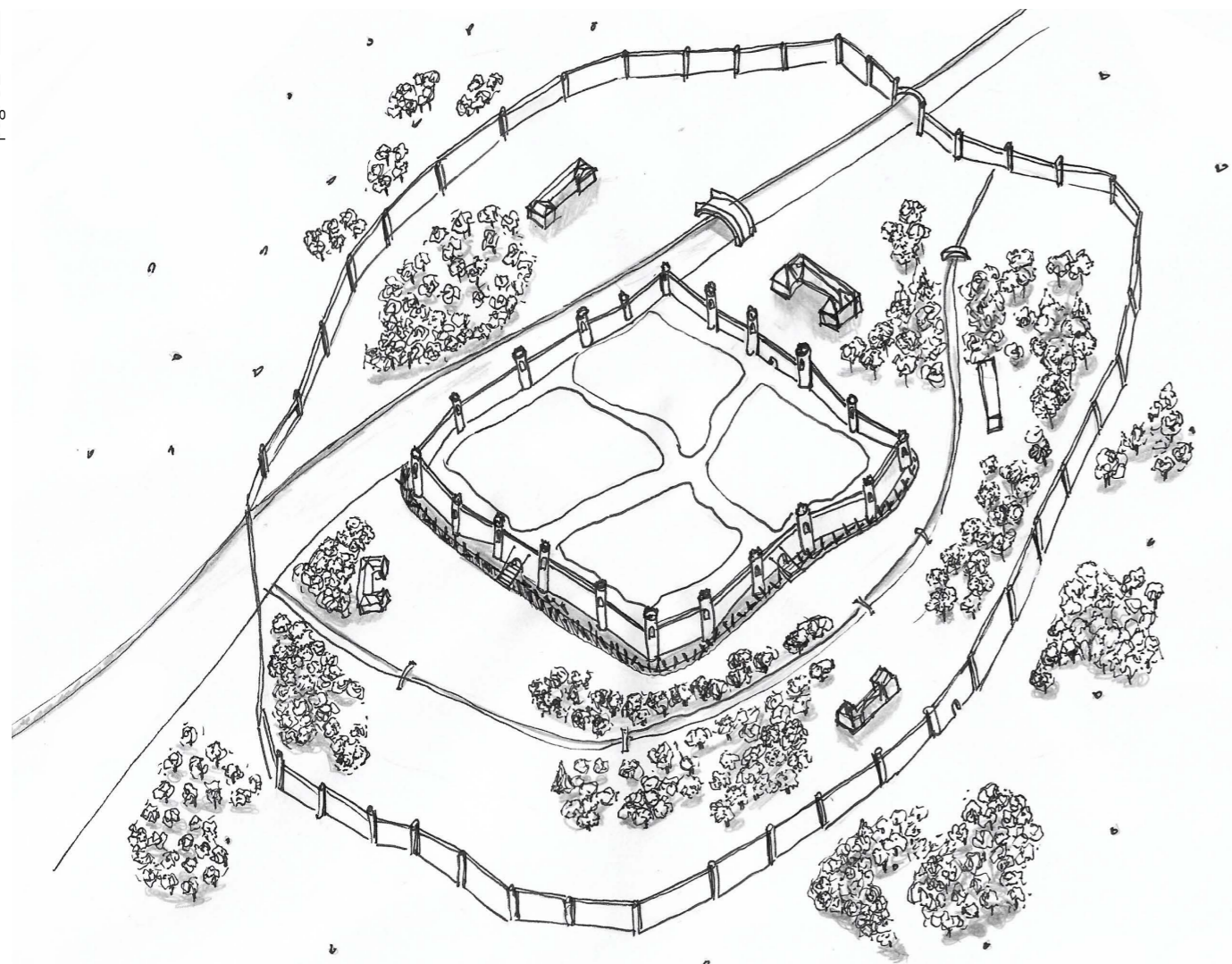


Fig. 07 - Croqui isométrico mostrando a composição física da cidade de Amaurota e arredores conforme descrição de Thomas Morus: Cidade dividida em quatro quadras, com formato similar a de um quadrado, murada duas vezes, banhada por um rio maior e um menor, hospitais e matadouros externos ao primeiro muro e casas agrícolas externas ao segundo muro.

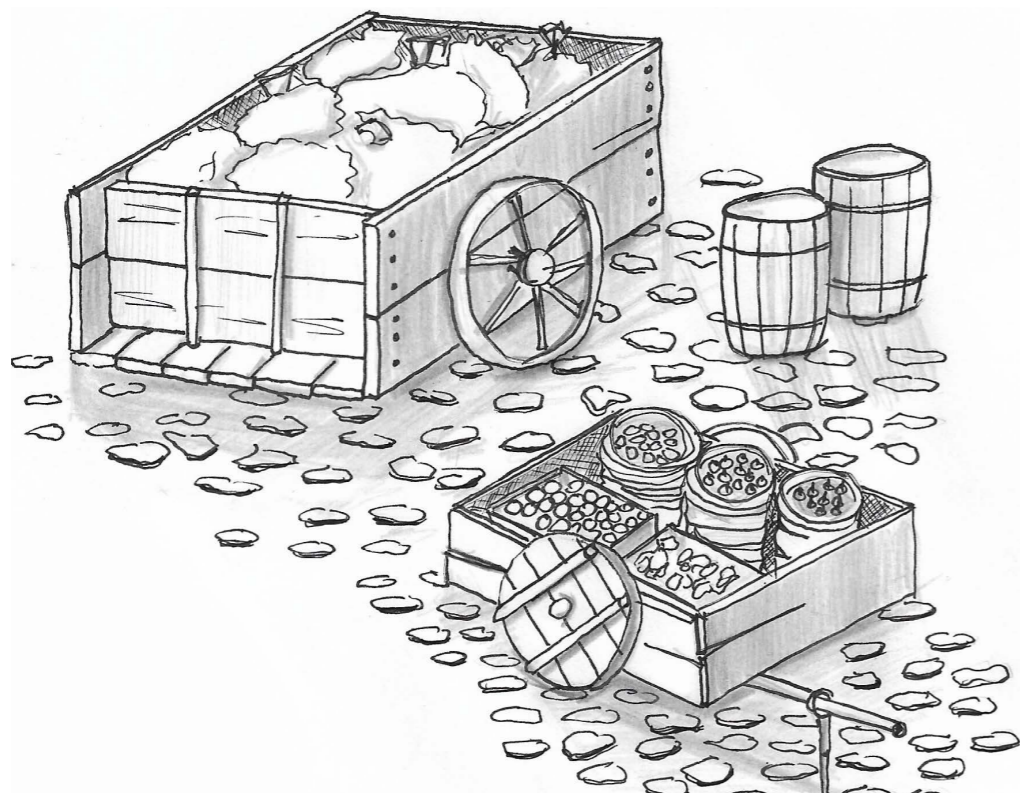


Fig. 08 - Carrinho de insumos alimentícios sendo expostos nas praças centrais de Amaurota para os pais de família coletarem, conforme descrição de Thomas Morus.

UTOPIA THOMAS MORUS, 1516

A Utopia de Thomas Morus foi escrita em 1516 no contexto de decadência do regime feudal na Inglaterra. Há tempos o comércio e a nascente indústria de lã no país estavam estagnados, deixando as camadas mais baixas da população na miséria. A crueldade do rei Henrique VIII e os privilégios da nobreza e do clero colaboraram para que gerações nascessem e morressem no mesmo cenário. Na prática, a nobreza e o clero não contribuíam para sociedade em nada, apenas usufruíam do seu ócio enquanto as camadas mais baixas da população sofriam com a escassez e a injustiça. Detentores da maior parte das terras, os nobres, alheios ou indiferentes à realidade da população, expulsavam os camponeses de suas casas para a criação de ovelhas a fim de lucrar com o comércio de lã que estava em alta no mercado da Inglaterra. Esses camponeses, que por gerações viveram apenas da terra, sem ter nenhum bem de valor ou habilidades e conhecimentos para conseguir um emprego, acabam mendigando ou roubando para se alimentar. As leis eram severas, injustas e sem distinção, punindo da mesma maneira o homem que mata e o homem que rouba um pão para se alimentar. O próprio sistema cria ladrões e assassinos para depois matá-los.

Enquanto que para cuidar da terra eram necessárias centenas de braços, para cuidar do pasto um ou dois trabalhadores era suficiente, deixando as cidades superlotadas e sucateadas de pessoas vivendo em condições precárias e insalubres.

É nesse contexto de caos e crise que Thomas Morus, na época Grande Chanceler da Corte e insa-

tisfeito com o regime vigente, se propõe a descrever uma ilha imaginária. Ele chamou essa ilha de Utopia e através dela propôs uma sociedade com uma organização socioespacial planejada, segura, justa e baseada na comunidade de bens.

Utopia é uma ilha que foi conquistada por Utopus e em seguida separada fisicamente do restante do continente, deixando-a isolada. A ilha possui o formato de uma meia lua, é cercada pelo mar e suas montanhas atuam como um forte, formando um paredão que protege a ilha de guerras e invasões. Na ilha são distribuídas 54 cidades com as mesmas configurações urbanas.

Todas as cidades possuem as mesmas configurações espaciais. Apresentam forma semelhante a um quadrado, com extensão de mais ou menos 2km. São muradas e banhadas em uma de suas extremidades por um rio de 500m de largura de água doce e potável e um outro rio menor que circunda o perímetro externo da cidade.

Cada cidade é dividida em 4 quarteirões, onde são distribuídas as casas das famílias, os palácios dos Sifograntes, os Templos Ecumênicos e as Escolas. No centro dos quarteirões fica o mercado das coisas, onde os moradores deixam o fruto dos seus trabalhos para que os pais de família peguem o que eles julgarem necessário sem pagar ou dar algo em troca. No exterior das muralhas, afastado do convívio dos moradores, ficam 4 grandes hospitais, - sempre abastecidos e com capacidade para atender o maior número possível de pessoas; um matadouro e as casas das famílias agrícolas.

Cada cidade é composta por 6 mil famílias e para cada 30 famílias existe um Sifogrante, que fica a cargo de representar politicamente as 15 famílias que moram à sua direita e as 15 famílias que moram à sua esquerda. A família do sifogrante vive em um palácio onde são servidas as refeições comunitárias para as suas 30 famílias.

As famílias trocam de casa há cada 10 anos, o que contribui para a perda da noção de propriedade privada na cidade. Em contrapartida à péssima qualidade de moradia existente no século XVI, onde as casas eram na sua maioria em madeira, por isso vulneráveis a incêndios, amontoadas umas nas outras, cercadas por ruas estreitas e sem contato com áreas verdes, Morus propõe que na Utopia as casas de todas as famílias são grandes, elegantes e com tecnologias inovadoras. As ruas são largas e os edifícios são em pedra ou tijolo, com 3 pavimentos e sempre separados uns dos outros por jardins amplos e bem cuidados.

Agricultura é considerado o ofício mais importante, sendo destinados 20.000 km² à lavoura em cada cidade. Todos devem por no mínimo dois anos aderirem às famílias agrícolas e prestarem seus serviços.

Todos os cidadãos, em qualquer que seja o seu ofício, devem trabalhar 6 horas diárias. Na sociedade do século XVI, e ainda na nossa sociedade atual, existe uma quantidade enorme de grupos sociais que não exercem nenhum tipo de atividade útil para a sociedade. Pessoas ociosas dependem do trabalho alheio para ter suas necessidades atendidas e quanto menos mão de obra disponível

existir, maior será a carga horária necessária para atender a demanda de todos.

(...) Considerai também como são poucos aqueles que a trabalhar estão empregados em coisas verdadeiramente necessárias. Porque, neste século de dinheiro, onde o dinheiro é o deus e a medida universal, grande é o número das artes frívolas e vãs que se exercem unicamente a serviço do luxo e do desregramento. Mas se a massa atual dos trabalhadores estivesse repartida pelas diversas profissões úteis, de maneira a produzir mesmo com abundância tudo o que exige o consumo, o preço da mão de obra baixaria a um ponto que o operário não poderia mais viver de seu salário. (MORUS,2001,pg 29)

É produzido apenas o necessário e quando há acúmulo de produto os trabalhos diários são suspensos.

(...) O fim das instituições sociais na Utopia é de prover antes de tudo às necessidades do consumo público e individual; e deixar a cada um o maior tempo possível para libertar-se da servidão do corpo, cultivar livremente o espírito, desenvolvendo suas faculdades intelectuais pelo estudo das ciências e das letras. É neste desenvolvimento completo que eles põem a verdadeira felicidade. (MORUS,2001,pg 30)

Na Utopia, não existe valor em metais ou pedras, bem como não existe acúmulo de bens. É incentivado a valorização do útil e do já existente, como por exemplo a utilização de riquezas naturais e os estudos sobre os astros e o corpo celestial. Desenvolvem sua própria ciência com aquilo que já existe e é útil e indispensável para nós.

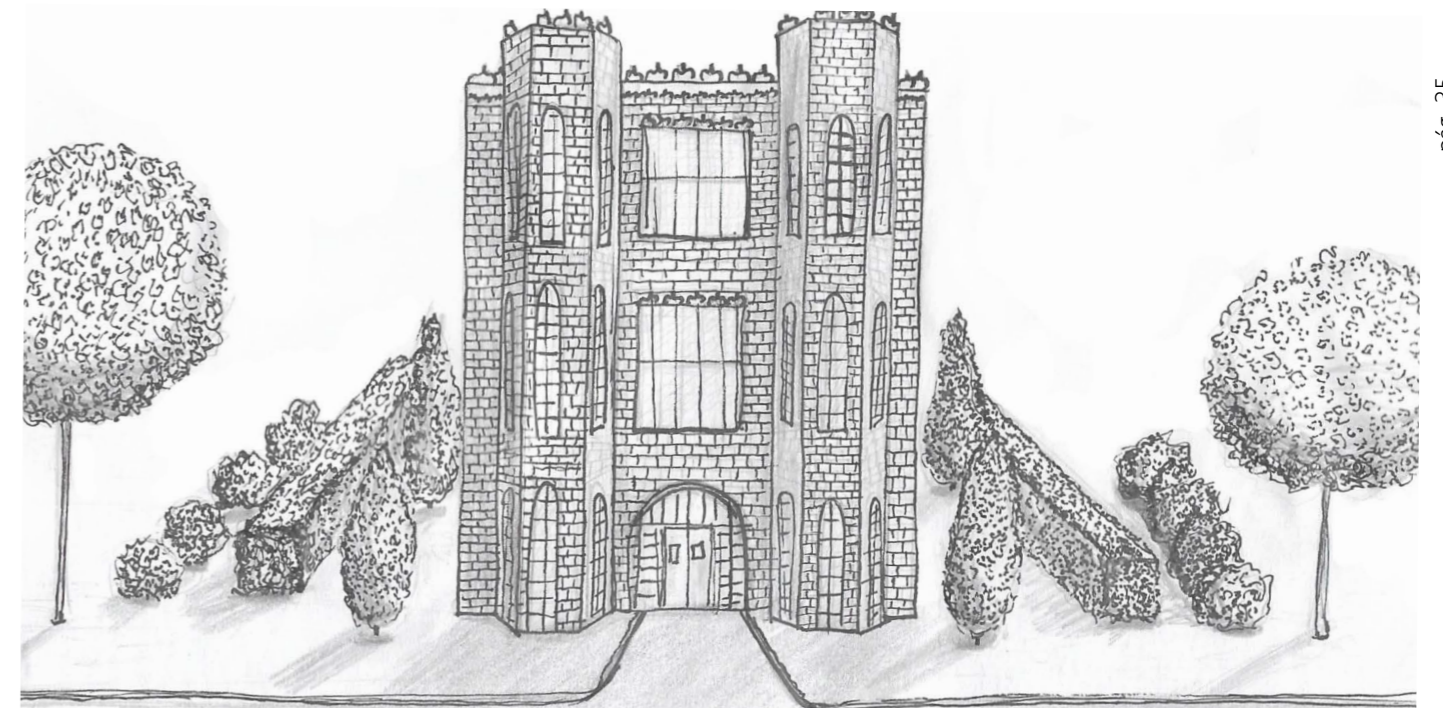


Fig. 09 - Fachada das casas de Amaurota conforme descrição de Thomas Morus: Casas de 3 pavimentos, em pedra, com esquadrias em vidro e jardins bem cuidados separando as casas umas das outras.

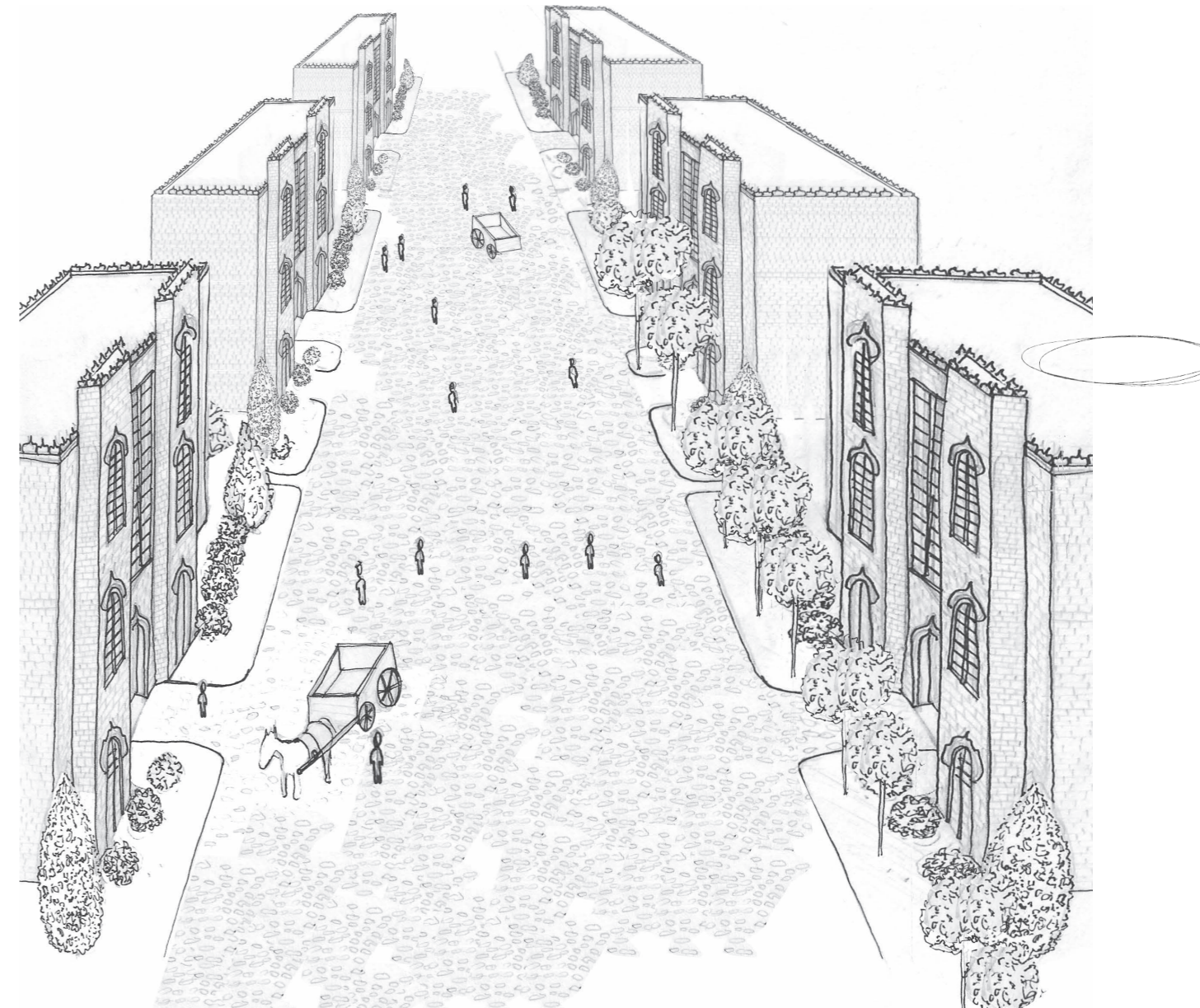


Fig. 10 - Croqui da estrutura das ruas e casas da cidade de Amaurota conforme descrição de Thomas Morus: Casas de 3 pavimentos, em pedra, com esquadrias em vidro e jardins bem cuidados separando as casas umas das outras.

01

Igualdade Social: Todos os cidadãos da Utopia têm as mesmas oportunidades e acesso a mesma qualidade de vida. Ou seja, todos têm acesso a comida na mesma quantidade e de mesma qualidade; Todos precisam trabalhar o mesmo tanto de horas; Todos têm a mesma qualidade

de moradia; Todos têm direito a mesma qualidade de sono; Todos têm os mesmos direitos. A obra de Morus é conhecida na história do socialismo como a primeira tentativa de edificar uma sociedade baseada na comunidade de bens.

02

Segurança: A segurança da cidade é um ponto muito forte na Ilha de Thomas Morus; A Ilha por si só já é isolada do restante do continente e naturalmente protegida pela sua posição geográfica. É formada por montanhas rochosas que atuam como enormes paredões naturais; tem o formato de uma meia lua e no seu centro

o mar esconde formações rochosas que impedem qualquer um que não tenha um mapa "utopiano" de acessar. Todas as cidades são muradas, as nascentes dos rios são muradas e apesar de serem pacíficos, eles guardam uma reserva de prata e ouro para a contratação de exércitos na eventual necessidade de uma guerra.

03

Respeito: A Utopia foi escrita no século XVI e condizente com o contexto da época, a sociedade idealizada por Morus apresenta padrões de comportamento conservadores e patriarcais. As mulheres ainda são obrigadas a obedecer seus maridos, a trabalharem apenas com afazeres domésticos e serem as únicas responsáveis pelos cuidados das crianças. Os homens são os chefes de família e trabalham nos cargos mais importantes. Existe uma religião predominante na Utopia e as diferentes são

respeitadas, no entanto, aqueles que não acreditam em Deus não são considerados cidadãos e não podem participar das decisões da cidade. É mostrado uma disposição a respeitar o diferente. Apesar de não tratar o diferente com igualdade, não existe mais a punição àquilo que é diferente, como era o padrão da época. Por isso, apesar do Thomas Morus descrever uma cidade com comportamentos nocivos, é uma sociedade fortemente baseada no respeito.

04

Simplicidade: Um dos pontos que pessoalmente considero mais chamativo da sociedade descrita por Morus é a valorização da simplicidade. Ao invés da constante busca por desenvolver algo que ainda não existe, algo abstrato, com a promessa de ser melhor do que o atual, a sociedade foca

em apreciar e se aprofundar naquilo que se tem de mais disponível e abundante: a natureza. Todas as cidades são próximas a córregos e rios e pela formação geográfica estão sempre próximas a colinas. Estudam os astros; o ar, a água e a terra e veem nesses elementos a verdadeira riqueza.

05

Qualidade de Vida: Tem como foco o desenvolvimento do espírito e do intelecto. São ensinados desde cedo a cuidar de si, buscar a felicidade própria e se conhecer. Apesar do trabalho ser um ponto forte na sociedade de Morus, muito pela influência

protestante da época, que acredita que o trabalho dignifica o homem, nas horas livres todos os cidadãos da utopia tem o direito de buscar seus prazeres e encontrar a felicidade.



Fig. 11 - Pintura abstrata à mão.

EDÍLIA, OU "FACA DISSO O QUE QUISER" DAVID HARVEY, 1999

Já em um contexto contemporâneo, no final do século XX, no apêndice do seu livro "Spaces of Hope" de 1999, David Harvey descreve uma sociedade Utopica que seria formada no ano de 2020 após o mundo entrar em colapso e passar 7 anos em sucessivas crises sociais, ambientais e políticas. Como desdobramento das mudanças na ordem mundial é formada uma nova organização da sociedade pautada na igualdade, liberdade, simplicidade, sustentabilidade, qualidade de tempo e desaceleração.

Os antigos núcleos familiares foram unidos e adaptados para formar os lares, compostos por 20-30 adultos, que, por afinidades e interesses em comum, passam a dividir moradia. Nos lares, os indivíduos exercem juntos as refeições e o trabalho de seu interesse. 10 lares formam um bairro, 200 bairros formam uma Edília e 20-50 Edílias formam uma Regiona.

Os mecanismos existentes para manter a instituição da família passaram a ser vistos como meio de controle social por meio do controle individual. "A família na maioria dos casos é o centro da violência, maus tratos, alienação e negligenciamento de crianças." (HARVEY, 1999, pg.350) Sendo assim, foram criadas também as pradashas, unidades que reúnem pessoas que têm paixão e desejo pela paternidade. Nesses espaços, os 8 ou 9 adultos que habitam a casa, ficam responsáveis por gerar filhos e cuidar da educação das crianças até que as mesmas atinjam a maioridade e possam ir para seus próprios lares ou pradashas. Como apenas as pessoas que realmente tem interesse em ter filhos se dispõem a esse trabalho, as crian-

ças crescem de uma maneira muito mais saudável, em um ambiente de amor e carinho, o que faz com que elas se desenvolvam com estabilidade psíquica.

Para adaptar as construções existentes à nova forma de organização social, foram feitas passagens no meio das paredes que dividiam casas geminadas, ou no caso de habitações separadas, foram construídos anexos que ligam as construções umas nas outras, a fim de formar uma unidade contínua de moradia de alta densidade.

Os espaços vazios da cidade se tornam áreas de cultivo intensivo de todo tipo de frutas e legumes, fazendo com que a agricultura e jardinagem urbana fossem amplamente utilizadas pela população. Além disso, um sistema similar ao de esgoto leva adubo orgânico para o solo de todos os bairros, abastecendo até mesmo a Edília.

Uma nova tecnologia possibilita que os moradores armazenem energia no porão de suas casas. De forma geral, os lares e bairros atingem um alto grau de auto-suficiência, sendo capazes de produzir até mesmo uma própria diversidade cultural e estilo de vida.

A moeda deixa de existir e é implantado o sistema de trocas, onde cada lar troca seus próprios produtos pelos outros produtos do trabalho de outros lares à medida que acharem necessário. Metade do resultado do trabalho dos lares vai para as Edílias e Regionas em troca de serviços base, como transporte, materiais de construção, máquinas, etc, e a outra metade fica para as trocas entre os lares. Nesse sistema, as pessoas trabalham com o que gostam e trabalham porque querem,

de maneira prazerosa, o que faz com que a diferenciação entre trabalho e brincadeira aos poucos se dissolva.

De acordo com a narrativa estabelecida por Harvey, no período do apocalipse tornou-se disponível o banco de dados de todas as pessoas. Antes essas informações eram restritas aos bancos, às instituições de crédito e aos grandes aplicativos, agora todas as informações estão disponíveis a todos. Com essas informações disponíveis para todos, ninguém pode usá-las de maneira autoritária ou privilegiada. A longo prazo essa medida aumentou a noção de segurança pessoal, uma vez que: "(...) a segurança já não depende de paredes, portas, fechaduras, cercas, barreiras eletrônicas. Ela têm como base o conhecimento simples, disponível para todos, acerca de quem está onde." (HARVEY, 1999, pg.352)

Foi disponibilizado transporte gratuito e ecologicamente correto para todos. Nos bairros são utilizados carros individuais e elétricos que andam a 30km/h por uma distância máxima de 30km. Em pouco tempo, o ritmo de vida das cidades desacelerou, o que

fez com que os espaços urbanos se tornassem mais silenciosos. Além disso, o calendário religioso é eliminado e as semanas passam a ter 5 dias. Todos devem trabalhar por 6h diárias durante 3 dias, a sua escolha. Todos têm direito de tirar 1 mês de férias por ano e a cada 7 anos tirar um ano sabático para viajar e conhecer o mundo. O ritmo de vida das pessoas também desacelerou.

A tecnologia passa a existir para facilitar a vida das pessoas. Para isso, ela deve ser ecológica, descomplicada, de acordo com os ideais de trabalho, de sociedade e acima de tudo, deve beneficiar a todos.

As pessoas que trabalham no "governo" devem sempre estar ligadas a um lar, mesmo que não tenha um lar fixo, a fim de evitar que a "elite burocrática privilegiada se isole, perdendo contato com a vida cotidiana, os anseios e as necessidades das pessoas." (HARVEY, 1999, pg.360)

A sociedade teve uma grande revolução de valores, e para Harvey, o principal ponto capaz de proporcionar grande parte dessa revolução é a ausência de dinheiro.



Fig. 12 - Pintura abstrata à mão.

01

Igualdade: É uma sociedade onde todos têm os mesmos direitos e as mesmas obrigações. Diferente do Thomas Morus, onde existia um foco muito grande

na Igualdade Social, aqui existe toda forma de Igualdade: gênero, raça, classe e LGBT. Todos têm as mesmas oportunidades.

02

Simplicidade/desaceleração: Deixa de existir na Edília a complexidade de trabalhos e obrigações que se tinha na sociedade antes da revolução. Essa complexidade existia muito graças à inovação tecnológica que "(...) impunha aos níveis de estresse um aumento supremo por meio de sua busca incessante da aceleração e da intensificação." (HARVEY, 1999, pg. 353) A tecnologia na Edília passa a existir com o objetivo de facilitar

a vida das pessoas e ser acessível a todos. Isso somado à redução na carga horária de trabalho e ao fato de que agora as pessoas têm a liberdade para trabalharem exclusivamente com o que gostam, tornou o estilo de vida dessa sociedade muito mais simplificado. Com um ritmo de trabalho menor, transportes de baixa velocidade e um estilo de vida descomplicado, naturalmente a sociedade desacelerou.

03

Sustentabilidade: Após o "apocalipse", a Edília se constituiu a partir de uma sociedade com muita consciência ambiental. As construções existentes são aproveitadas para abrigar a nova forma de organização da sociedade, evitando construir edificações novas desnecessariamente. Os bairros são responsáveis por produzir sua própria energia renová-

vel; Sistemas de adubo subterrâneo garantem a fertilidade do solo para que as pessoas plantem seu próprio alimento; A alimentação da sociedade é mais orgânica, priorizando o consumo de plantas. Os transportes, os materiais de construção e principalmente o estilo de vida são sustentáveis

04

Liberdade: Na edília existe uma grande liberdade individual, dando às pessoas espaço para serem e fazerem o que quiserem. É possível trabalhar com o que gosta; morar onde e com quem quiser;

escolher os dias que quer trabalhar e os dias que quer descansar. Sempre estabelecendo um equilíbrio entre os direitos individuais e os direitos, regras e obrigações coletivas.

05

Qualidade de tempo: A redução da carga horária de trabalho e alteração no calendário religioso teve um forte impacto na qualidade de tempo dessa população. Agora é possível ter tempo livre para cultivar o espírito, o intelecto

e a saúde física e mental. Além disso, as pessoas aprendem a trabalhar com o que gostam, tornando esse tempo de contribuição muito mais prazeroso e de qualidade.



Fig. 13 - Ilustração Heath Robinson; edição digital da autora



Fig. 14 - Ilustração Heath Robinson; edição digital da autora



Fig. 15 - Ilustração Heath Robinson; edição digital da autora

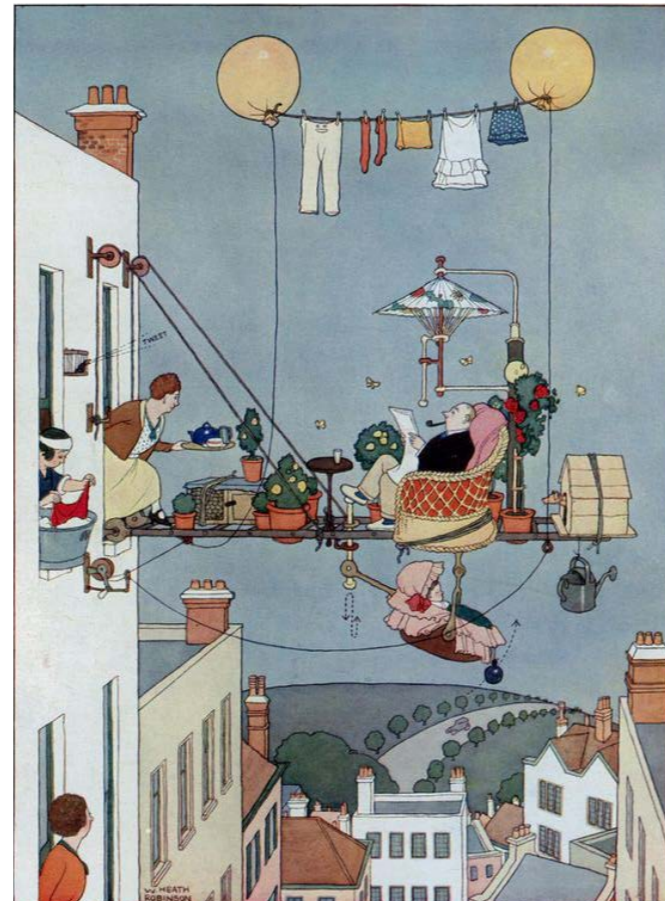


Fig. 16 - Ilustração Heath Robinson; edição digital da autora

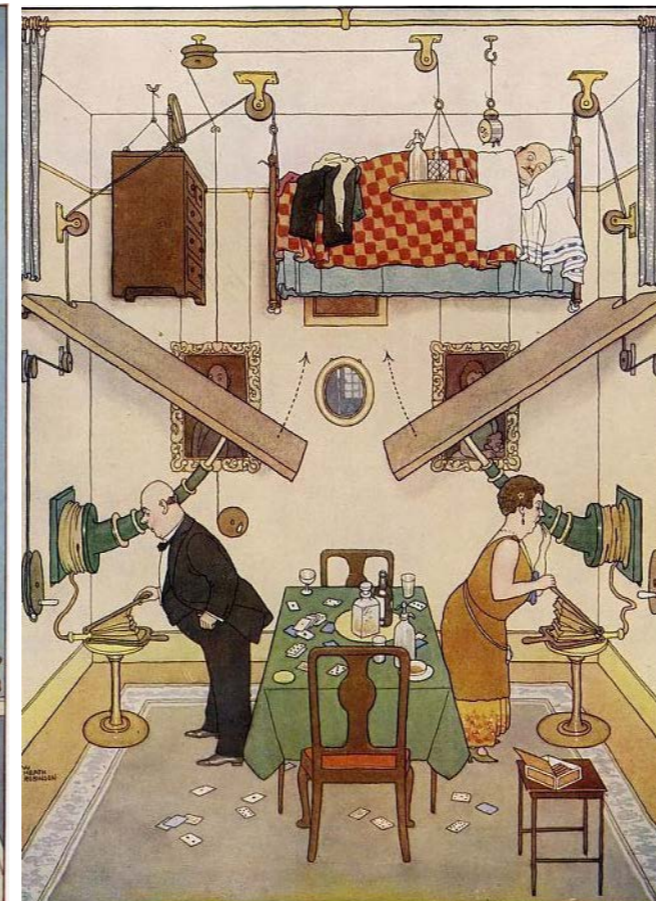


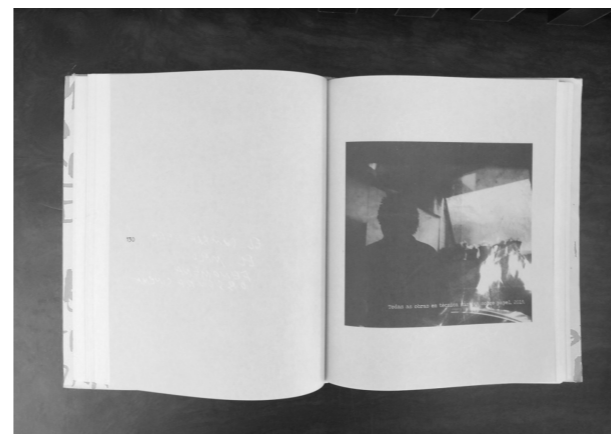
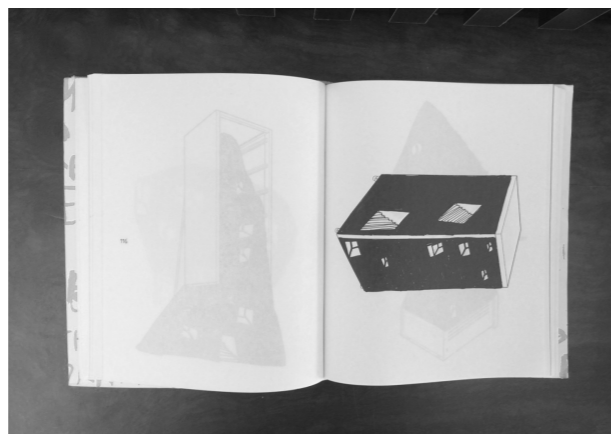
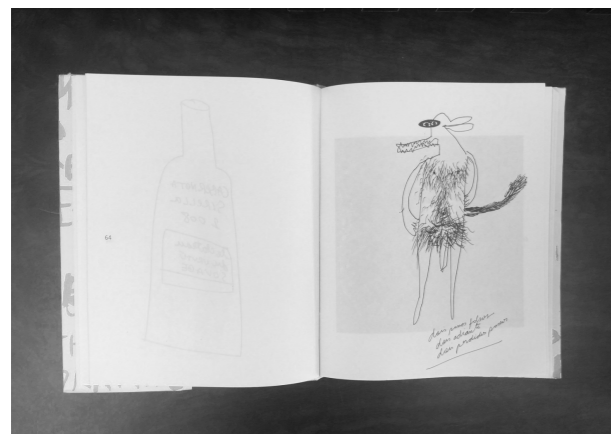
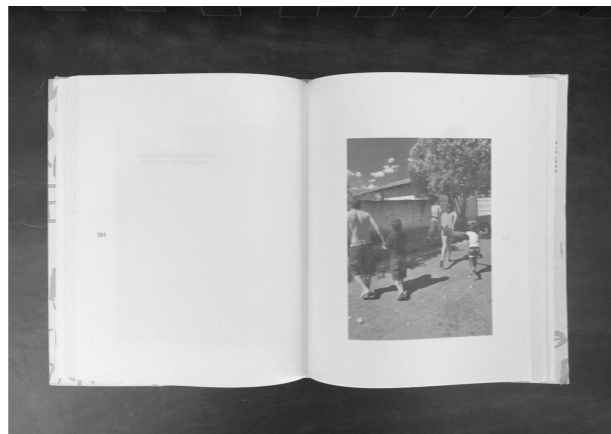
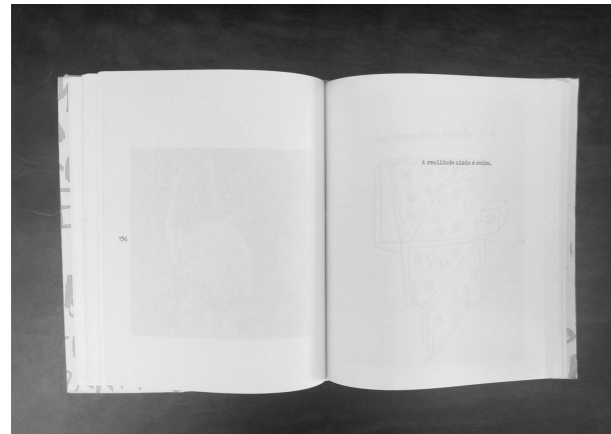
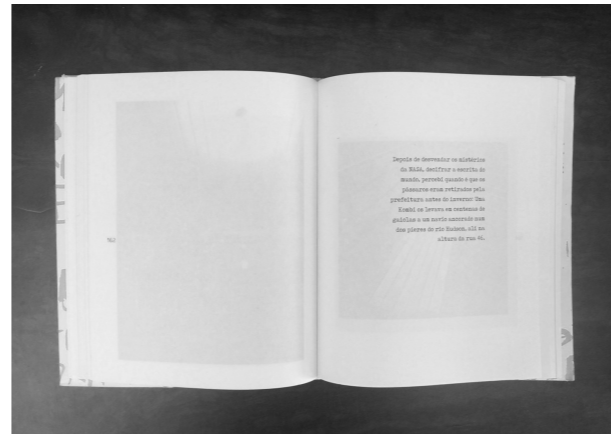
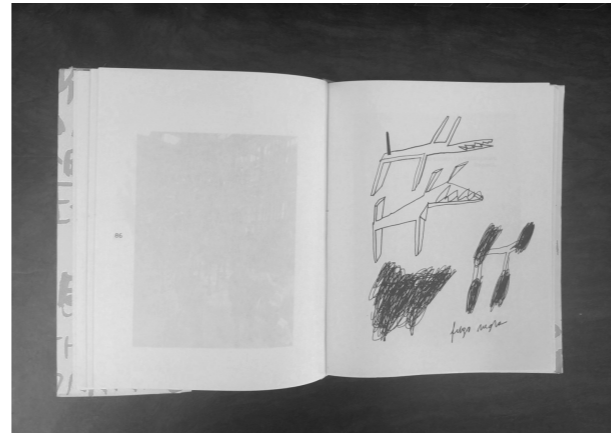
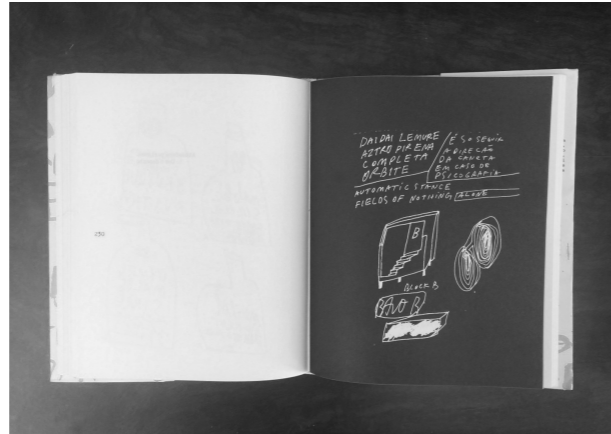
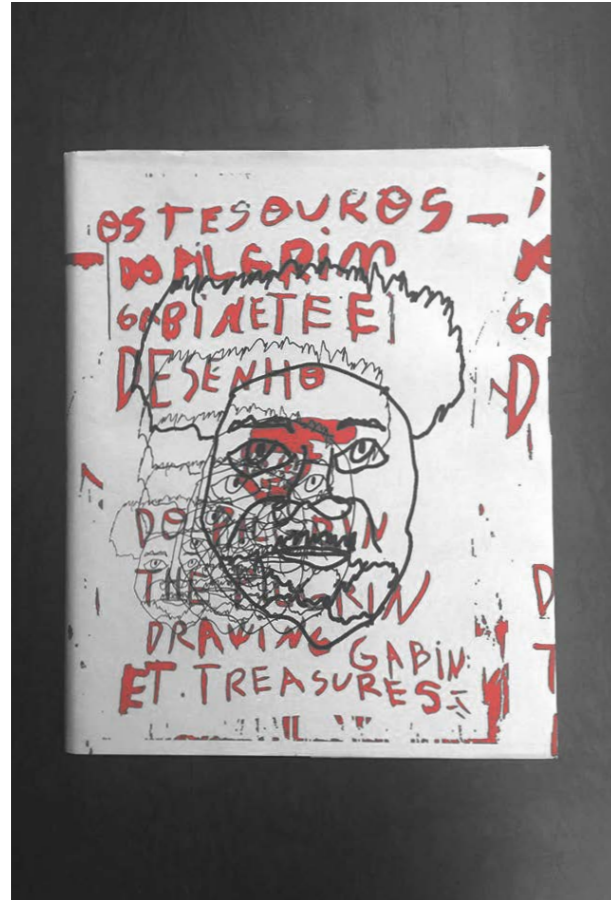
Fig. 17 - Ilustração Heath Robinson; edição digital da autora

HEATH ROBINSON

Heath Robinson é um ilustrador Inglês, que nasceu em uma família de classe média com tendências artísticas no ano de 1872 em Londres. Quando jovem queria seguir carreira como pintor de paisagens mas teve pouca visibilidade comercial e então acabou indo pelo mesmo caminho que sua família: produzindo ilustrações para livros e revistas. Desenhou para uma série de livros famosos, dentre eles Works of Edgar Allan Poe, Bell. 1900 e Adventures of Don Quixote, J.M. Dent. 1902. No entanto, foi por seus desenhos publicados em jornais na época da primeira guerra mundial que Robinson ficou conhecido. Através de suas ilustrações, ele zombava da vida moderna, levando tarefas simples e rotineiras ao extremo ridículo. Representava em seus desenhos pessoas utilizando engenhocas complexas para realizar tarefas simples, como por exemplo descascadores de batata, removedores de verrugas e

silenciadores de gatos. Suas ilustrações reconheciam o ridículo que era a guerra por meio da representação cômica das máquinas da Alemanha e por seus desenhos de armas secretas cada vez mais improváveis sendo usadas pelos combatentes.

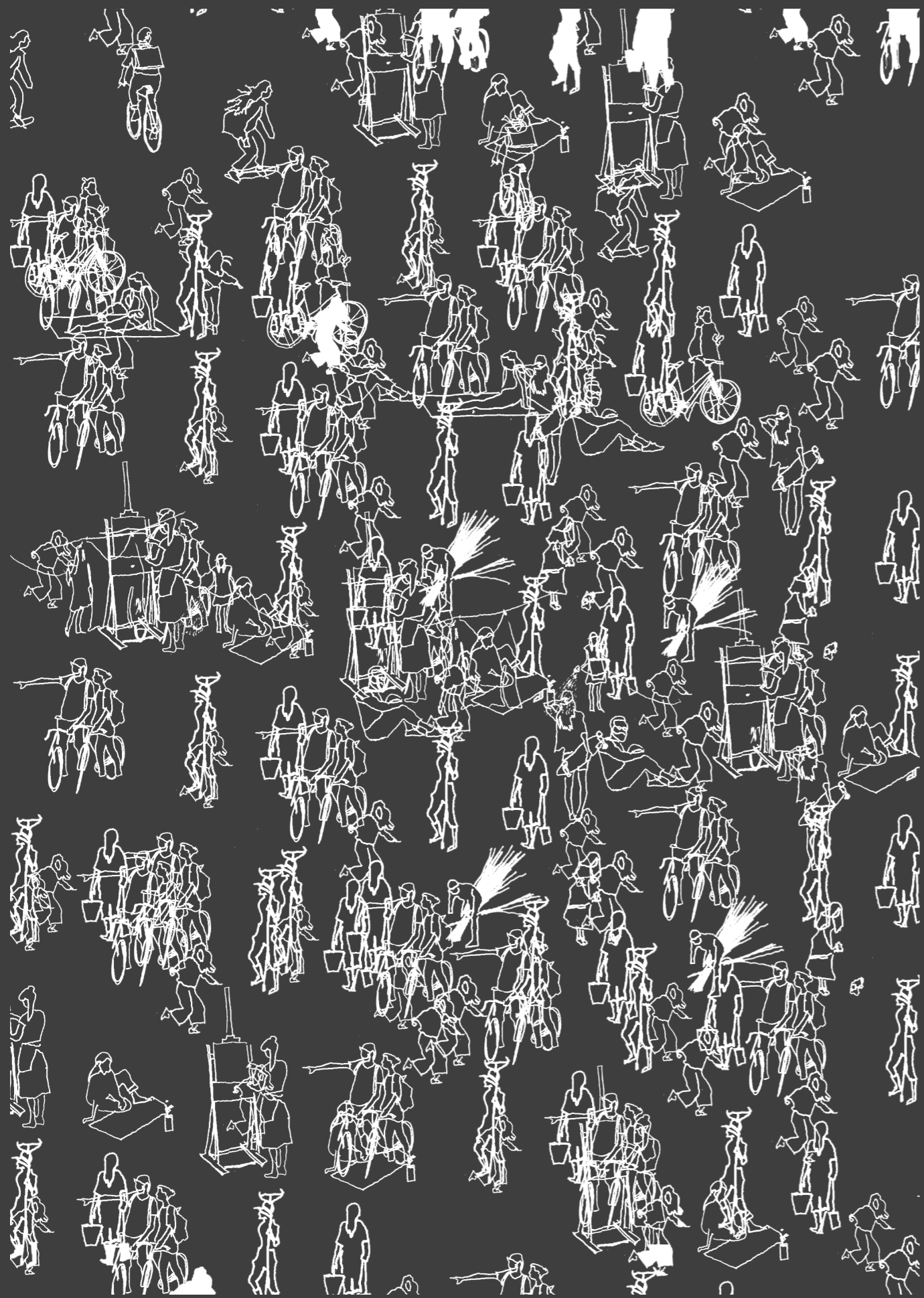
Muito rapidamente seu trabalho se tornou popular e o nome de Heath Robinson tem sido usado para descrever engenhocas improvisadas absurdamente complexas desde do início do século XX. Seu nome foi incluído no dicionário britânico, em 1912 como sinônimo de dispositivos absurdamente improvisados, engenhosos e complicados, como os que ele passou a vida projetando. tencialidades e possibilidades que se forem articuladas da maneira correta podem nos mostrar soluções criativas e poderosas. É importante trazer à discussão as potencialidades presentes em nossa sociedade. (TOWNSED,2014)



OS TESOUROS DO PILGRIM GABINETE DE DESENHO
MARCELO SOLÁ, 2020

“Os Tesouros do Pilgrim Gabinete de Desenho” é o primeiro livro do artista goiano Marcelo Solá, lançado em fevereiro de 2020. O livro possui pouco mais de 300 páginas, e nele estão reunidas poesias, desenhos e fotografias produzidos pelo artista durante os últimos 10 anos de sua carreira. O livro não tem por objetivo ser um relato textual ou visual pragmático ou representativo de conteúdos utilitários ou funcionais, ele antes se apresenta como uma representação simbólica emblemática da trajetória de produção artística de um período importante da vida de Solá, se apresentando mais como um “registro de viagem” que usa a linguagem pictórica e ideogramática como meios de expressão. O livro ainda não requer ou pressupõe uma leitura contínua, não faz sentido, ele se apresenta como um compilado de ideias, croquis e fotografias soltas, mas que estão intencionalmente agenciadas e articuladas entre si, juntos, com o claro objetivo de criar uma narrativa visual e poética muito forte.

Fig. 18 - Composição de fotografias do livro “Os Tesouros de Pilgrim Gabinete de Desenho”.



GOIÂNIA
UTÓPICA

O CENÁRIO ATUAL



Fig. 19 - Composição de fotografias de cenários da cidade de Goiânia.

Foram identificadas e eleitas cinco problemáticas principais no cenário atual da cidade de Goiânia a serem problematizadas e debatidas do ponto de vista da proposição de uma concepção ideal e utópica de cidade. São elas: Verticalizações, Condomínios fechados, Shopping Centers, Hidrografia e Vazios Urbanos.

Goiânia tem sua expansão atrelada ao mercado imobiliário desde meados da década de 1970. O que significa que muitas das decisões tomadas referentes à organização da cidade são pautadas em interesses econômicos ainda hoje como prática normatizada e recorrente. Tal aspecto cria situações urbanas extremamente problemáticas e que precarizam a cidade, comprometendo a qualidade tanto dos espaços privados quanto dos espaços públicos. Quando a cidade é vista como mercadoria o que não tem lucro não merece investimento, da mesma forma que o que não reproduz a força de trabalho, não é visto como um bom investimento (BARTALINI, 2004). Apesar do que a publicidade sobre Goiânia quer propagar, existe uma enorme carência de espaços públicos verdes acessíveis a grande parte da população na cidade. E essa falta de espaços verdes de qualidade está diretamente relacionada a atual forma de produzir cidades, que faz com que a qualidade ambiental, recreativa e visual intrínseca às áreas verdes não sejam suficientes para possibilitar sua implantação na cidade. Afinal, o mercado sempre prevê que é preciso trazer retorno financeiro. Nesse contexto, surgiram as parcerias entre público e privado nas quais a prefeitura de Goiânia e empreendedores imobiliários se uniram para implantar parques que poderiam beneficiar os lançamentos residenciais de alto padrão ao sul da cidade. Isso fez com que apenas algumas áreas, aquelas que têm potencial de gerar lucro aos empreendedo-

res, fossem requalificadas ambientalmente através desses parques. A hidrografia de Goiânia é formada por 85 cursos d'água, e mesmo assim não existe nenhum ponto na cidade onde a água é fortemente presente na paisagem urbana. O que vemos é algo similar ao que Bartalini descreve sobre as cidades brasileiras:

“Salvo poucos casos, a hidrografia de nossas cidades não está vinculada a parques ou, genericamente falando, às áreas verdes. A regra, até hoje, é a sobreposição pura e simples, sem a intermediação de áreas verdes, do sistema viário ao sistema hidrográfico.” (BARTALINI, 2004)

Em Goiânia, mais de 190 áreas foram decretadas parques nos últimos vinte anos, especialmente áreas de preservação permanente. Muitas dessas áreas estão dentro do processo de gentrificação verde que acaba desalojando moradores de longa data ou com menos poder aquisitivo para dar lugar a empreendimentos de alto padrão. (SAKATA, MEDEIROS e GONÇALVES, 2018) As verticalizações crescem cada vez mais no cenário de Goiânia, comumente atrelados à especulação imobiliária, adensam normalmente regiões de classe média ou alta, que muitas vezes, sem o devido preparo urbano, não conseguem atender a demanda dessa população. Cenários de intensas verticalizações com edifícios de alto padrão, normalmente entre 30 e 40 pavimentos no entorno de parques tem se tornado uma das tendências de crescimento da cidade de Goiânia. (SAKATA, MEDEIROS e GONÇALVES, 2018)

A GOIÂNIA UTÓPICA

A Goiânia Utópica tem suas transformações norteadas principalmente pelas questões ambientais, deixando que a natureza volte a habitar o espaço de forma livre, sustentável e com uma interação amigável e respeitosa por parte dos seres humanos. Como uma forma de reparação histórica natural, a cidade passa por uma enorme revitalização. Na presente proposta, todos os córregos presentes na malha hídrica da cidade são aflorados, recuperando as áreas degradadas e naturalizando as águas. As margens dos córregos são recuperadas, retirando construções invasoras e avenidas; o que resulta em uma extensa rede de áreas verdes conectadas entre si. Dessa forma, a natureza tem espaço para crescer livremente e re-habitar os solos da cidade.

Nas margens dos córregos acontecem grande parte das atividades recreativas da população e das atividades agrícolas, dividindo espaço com os animais típicos do cerrado que aos poucos começam a habitar esses locais. Para isso, todas as edificações e atividades que antes existiam nessas áreas são realocadas para as áreas mais próximas ou áreas de interesse da população. De forma geral, toda a cidade passa por uma requalificação ambiental, permeando áreas verdes e áreas para cultivo de alimentos no tecido urbano, de forma que o desenho da cidade seja aproveitado. A luz solar e os ventos da região são potencializados e se tornam responsáveis pela produção de toda a energia utilizada pelos moradores de Goiânia. Então painéis solares, turbinas e cataventos fazem parte da paisagem urbana da cidade.

A agricultura é vista como uma ati-

vidade muito importante na Goiânia Utópica, sendo responsável por imensa gama dos alimentos que nutrem toda a população. Os moradores resgataram os olhares aos detalhes da terra e ciclos da natureza, pertencentes aos povos ancestrais e que por muito tempo estiveram desvalorizados. Todos aprendem sobre o cultivo e a plantação de alimentos e por um período de tempo ao longo da vida, todos são incentivados a trabalhar com isso. As áreas de cultivo são de fácil acesso, sempre presentes visualmente nas paisagens da cidade. As mais avançadas e simplificadas tecnologias auxiliam a população a cuidar da terra sem exigir uma carga horária extensa ou uma disposição física grande dos responsáveis.

As formas de trabalho existentes são simplificadas e úteis à sociedade. Os ofícios valorizam a potência de cada indivíduo e as suas habilidades, possibilitando a cada um contribuir com sua singularidade. Todos trabalham para ajudar no cuidado da cidade, manter o funcionamento e garantir a manutenção das atividades essenciais. Atividades artísticas e culturais contribuem para o bem estar da sociedade e para o fortalecimento da territorialidade e por isso são consideradas atividades essenciais. A carga horária de trabalho diária é de no mínimo 5 horas, 4 vezes na semana e o indivíduo tem liberdade para escolher como ele prefere distribuir as horas trabalhadas. Entende-se que cada um possui sua individualidade e que uns se realizarão pessoalmente com o exercício do trabalho mais que outros e isso é respeitado. É dado aos moradores um equilíbrio entre o tempo

de trabalho obrigatório e o tempo livre, de forma que todas as pessoas tenham condições para se dedicar aos interesses pessoais, descansar, ter uma noite de sono de qualidade e ainda cumprir suas responsabilidades individuais.

A fim de que o máximo de construções já existentes fossem reaproveitadas, a cidade se adaptou e passou a verticalizar seus espaços públicos nas áreas de grande adensamento vertical, garantindo qualidade de moradia através de um contato mais próximo entre esses moradores e a vida na cidade. Sendo assim, a cada 7 pavimentos é instalado uma estrutura leve e resistente que conecta os edifícios dessas regiões densamente verticalizadas uns aos outros, através da formação de uma malha urbana de espaços públicos acima do nível da rua, sem barrar por completo a passagem de luz e ventilação para aqueles que estão abaixo. Essa plataforma urbana elevada é cercada por uma vegetação densa, que, além de levar áreas verdes para os locais públicos flutuantes, melhora a qualidade do espaço a nível do solo, inserindo o verde na paisagem urbana. Essas estruturas verticalizadas abrigam as feiras de trocas, parques, praças, áreas de lazer, atividades esportivas ou qualquer outra atividade comunitária que os moradores sintam necessidade.

A quantidade de edificações individuais diminuem bastante porque o senso de coletividade geral da população aumenta e a maioria das pessoas prefere estar em conjunto para dividir as tarefas domésticas. No entanto, ainda existem aqueles que optam por morar mais isolados e isso é possível desde que eles estejam em dia com suas contribuições para com a comunidade.

Aqueles que preferem morar em conjunto adaptam as construções existentes na cidade para receber seu núcleo

familiar, que não é necessariamente a família de sangue e sim pessoas que por afinidade escolhem conviver juntas.

As áreas vazias da cidade, antes marginalizadas e/ou subutilizadas passam a receber atenção, se transformando em espaços que atendem as necessidades dos moradores próximos, podendo ser áreas verdes recreativas, áreas de plantio de alimentos ou só mesmo áreas de encontro.

Em áreas muito adensadas, são colocadas edificações de agricultura vertical, que levam os moradores através de um elevador para as diversas plataformas de cultivo de alimentos. Dessa forma, essas regiões muito adensadas e com pouca permeabilidade no solo, como é o caso do centro de Goiânia, passam a ter contato com o verde, além de garantirem o abastecimento de alimentos produzidos nas proximidades de sua própria rede de consumo.

Todos os muros que delimitam propriedades privadas são retirados, o que fez com que os condomínios fechados deixassem de existir e começasse a se desenvolver uma integração entre esses espaços e o seu entorno.

A propriedade privada não existe mais e tudo que existe no solo urbano é de todos. Dessa forma, os núcleos familiares devem mudar de casa a cada 10 anos, garantindo a rotatividade de moradores e os locais de moradia.

Com a diminuição da carga horária de trabalho por parte da população conciliada com a consciência ambiental que se espalhou entre todos, o transporte individual motorizado praticamente desapareceu. As pessoas priorizam o transporte a pé, de bicicleta ou outras formas de transporte alternativo como patins e patinetes. Isso contribuiu para a formação de uma população mais ativa e saudável. Para percorrer longas distâncias existem os

transportes coletivos que ligam pontos estratégicos da cidade. Esses são gratuitos e não apresentam impactos ambientais. Ainda assim, para casos específicos existe o transporte individual, que é de baixa velocidade e elétrico. Essas alterações tiveram um grande impacto na qualidade sonora das cidades. Com o ritmo de vida desacelerado, os ruídos do trânsito caótico deram lugar aos diferentes cantos de pássaros, deixando a cidade sonoramente mais agradável.

Não existe mais moeda, todos produzem o que é necessário para sobrevivência, disponibilizam para a população e qualquer um pode se apropriar dos bens conforme sua necessidade. Dessa forma, os shopping centers, que antes se caracterizavam como agentes simbólicos e efetivos da materialização máxima das ideias capitalistas, se transformam e se tornam grandes fábricas e laboratórios, que ressignificam a relação de consumo das pessoas. Eles são convertidos em locais de experimentação e usos das tecnologias inovadoras para desenvolverem produtos de alta qualidade. Sem as leis do mercado para ditarem o rumo das produções, os trabalhadores desenvolvem e aprimoram livremente os produtos, uma vez que o que beneficia um, beneficiará a todos. A estrutura convencional dos shopping centers é aproveitada e melhorada. A construção deixa de ser completamente fechada para o seu exterior e são criadas generosas aberturas, que mostram para quem está do lado de fora o que acontece dentro do edifício. Os corredores de circulação são preservados,

mantendo a ideia de contemplação e encontro desses espaços de ciência, experimentação e tecnologias, enquanto que as lojas são integradas umas nas outras, formando uma grande fábrica/laboratório conforme o tipo de produto final a ser desenvolvido. Ao invés de existirem dezenas de lojas de roupas em um mesmo espaço, existe um grande espaço cooperativo, onde qualquer um que tenha interesse, pode se utilizar da estrutura e das tecnologias para desenvolver e aprimorar seus produtos. A mesma lógica é aplicada para as indústrias de cosméticos, artesanato, alimentação, mobiliário, etc. Dessa maneira, as pessoas que se utilizam desses espaços para produção, assim como as pessoas que usam o edifício como ponto de encontro e contemplação, aprendem sobre o processo de fabricação de grande parte do que é produzido e consumido. No caso do Shopping Center Flamboyant, o maior de Goiânia, os enormes espaços de estacionamento que circundam o edifício, se tornam espaços verdes para o cultivo de plantas e matérias primas que são necessárias para a fabricação dos produtos que eventualmente serão disponibilizados para a população dentro do edifício.

A Goiânia Utópica é composta por uma sociedade que volta a sua atenção para o que já temos agora, o que já existe de disponível, que respeita a natureza e reconhece a sua fartura, sem abrir mão dos avanços tecnológicos, e sim conciliando-os a favor da qualidade de vida de todos e da qualidade ambiental geral.

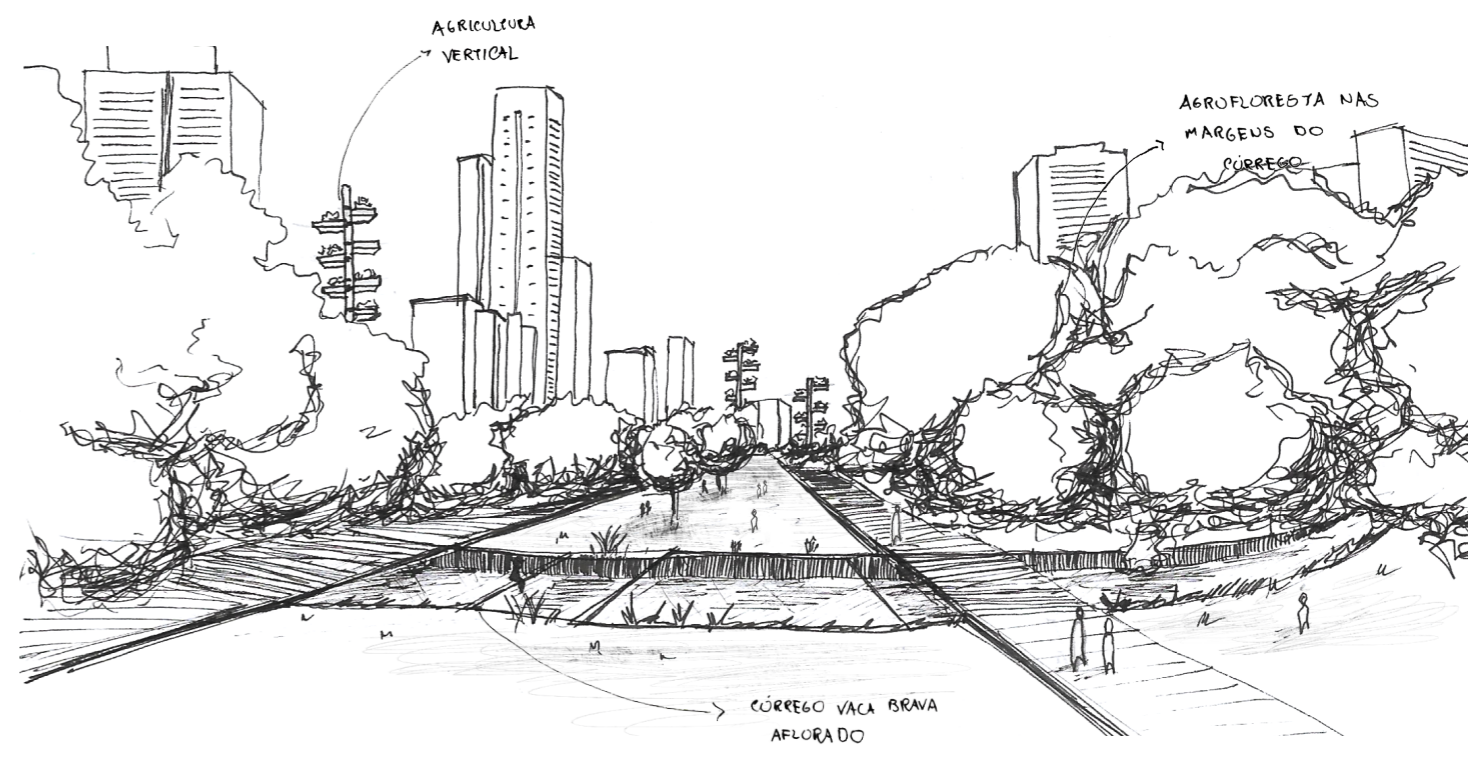


Fig. 21 - Croqui com o córrego vaca brava aflorado na Av. T-10 no Setor Bueno.

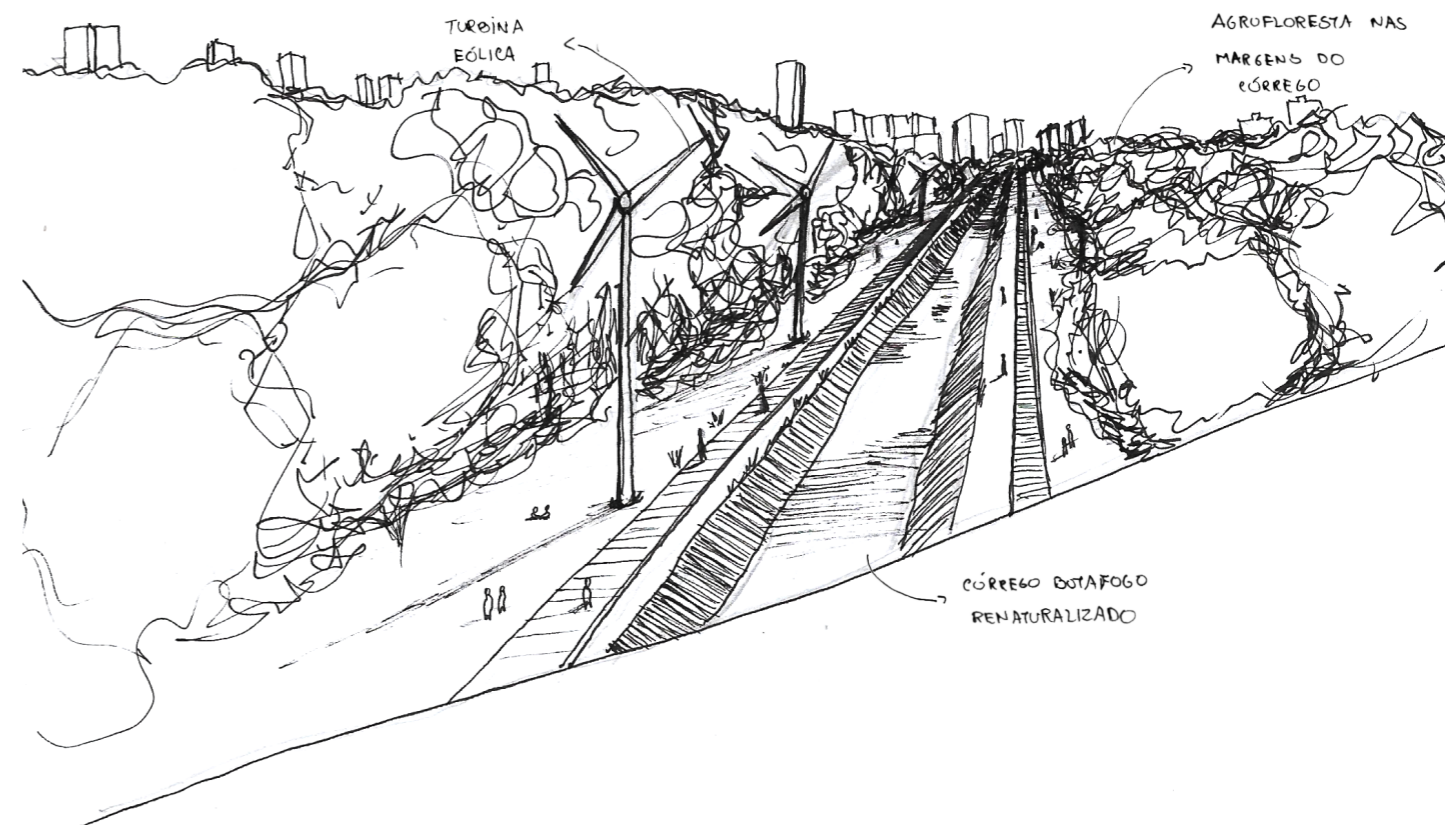


Fig. 22 - Croqui na antiga Marginal Botafogo, com o córrego Botafogo renaturalizado.

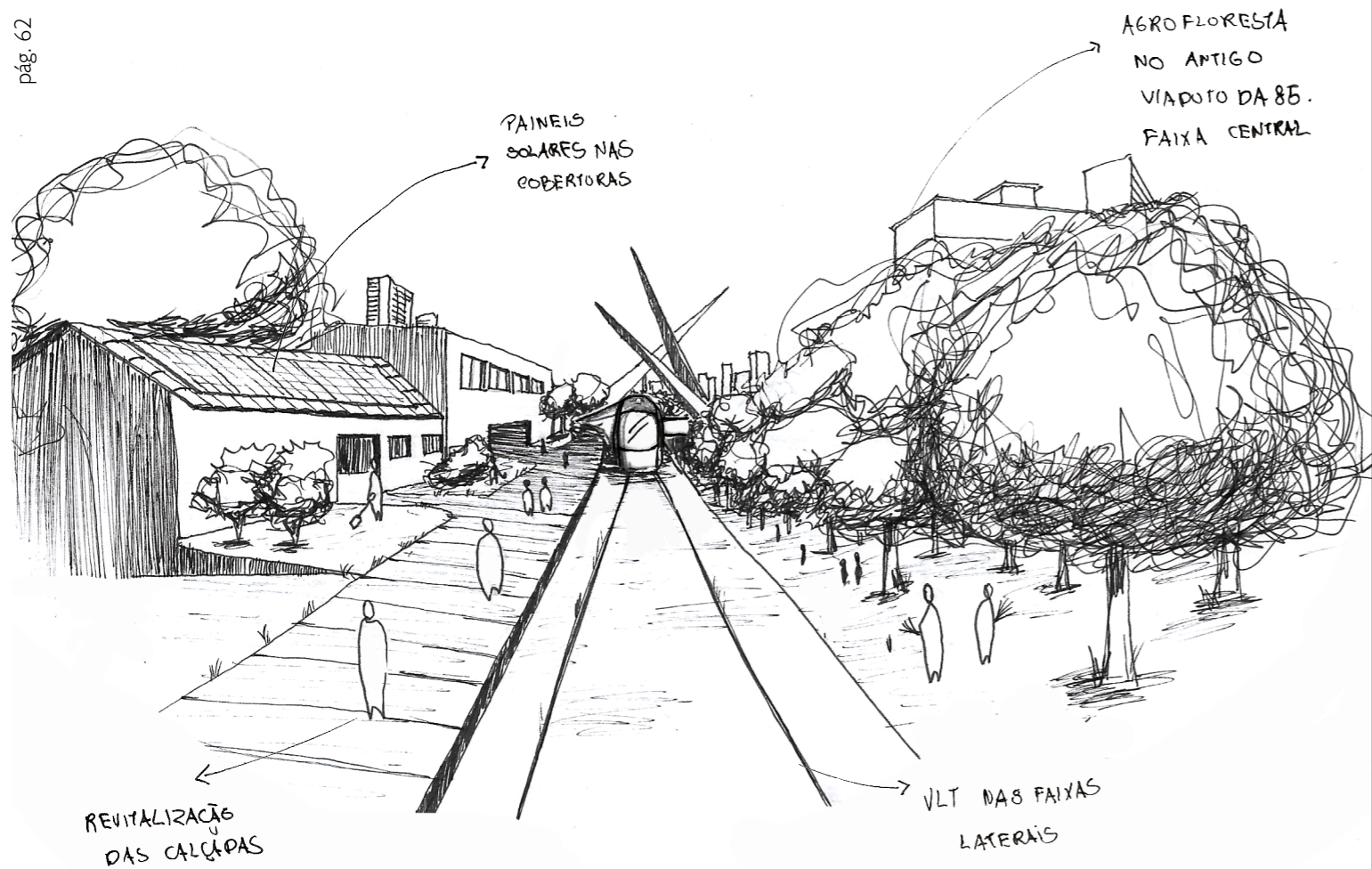


Fig. 23- Croqui com as intervenções da Goiânia Utópica na Av 85, próximo ao viaduto Latif Sebba

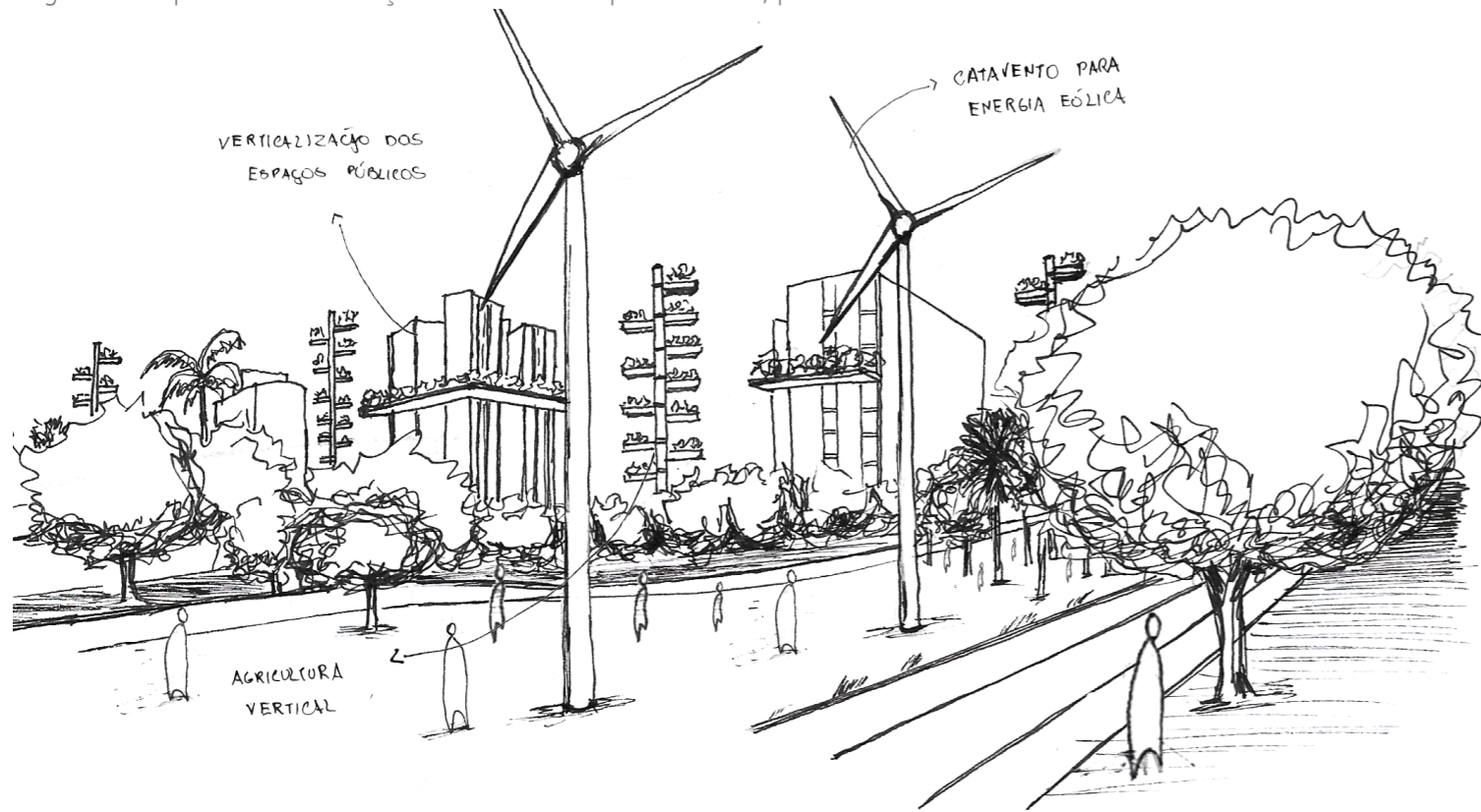


Fig. 24 - Croqui com as intervenções da Goiânia Utópica no cruzamento da avenida Paranaíba com a Goiás.

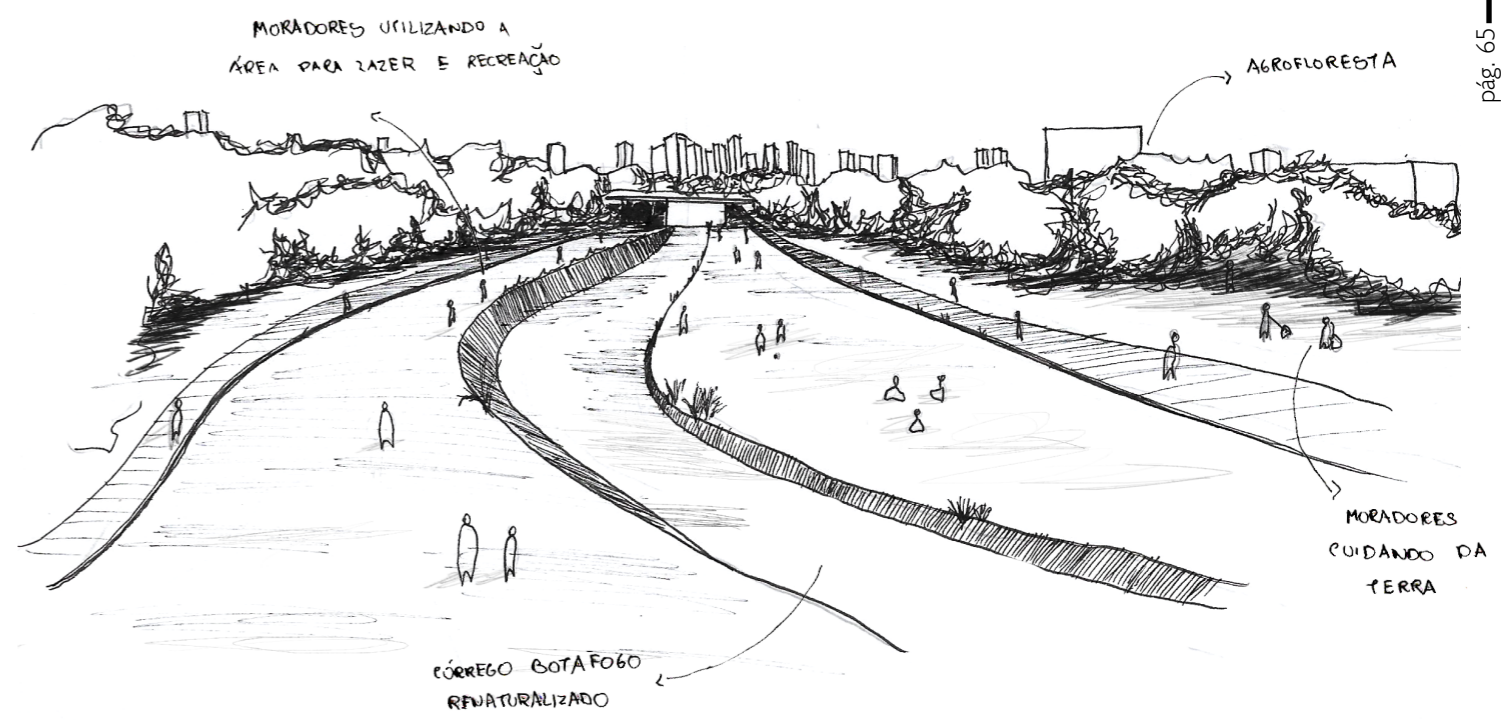


Fig. 25 - Croqui na antiga Marginal Botafogo, com o córrego Botafogo renaturalizado.

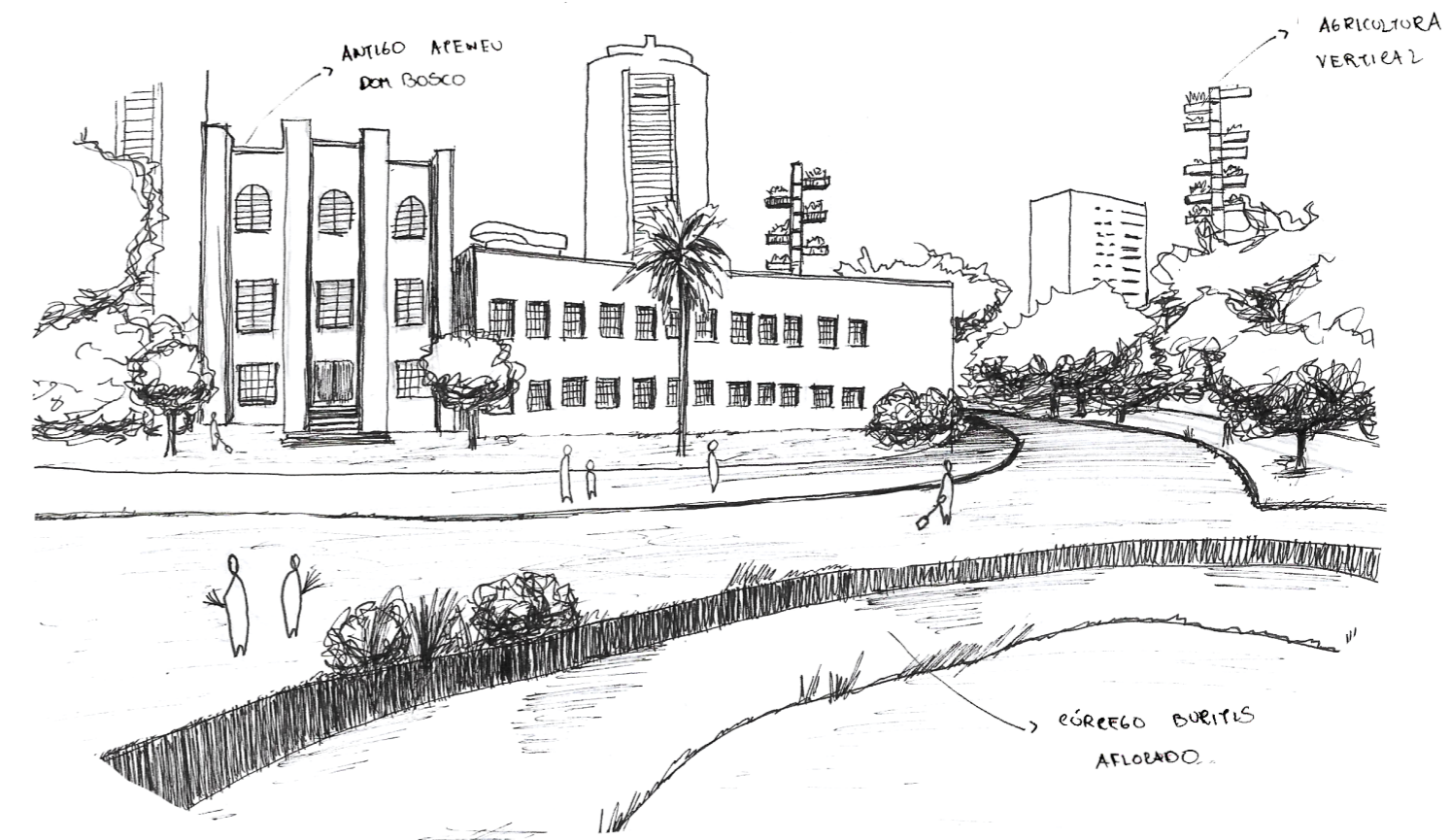


Fig. 26 - Croqui com o córrego dos buritis aflorado em frente ao Ateneu Dom Bosco, no Setor Oeste.

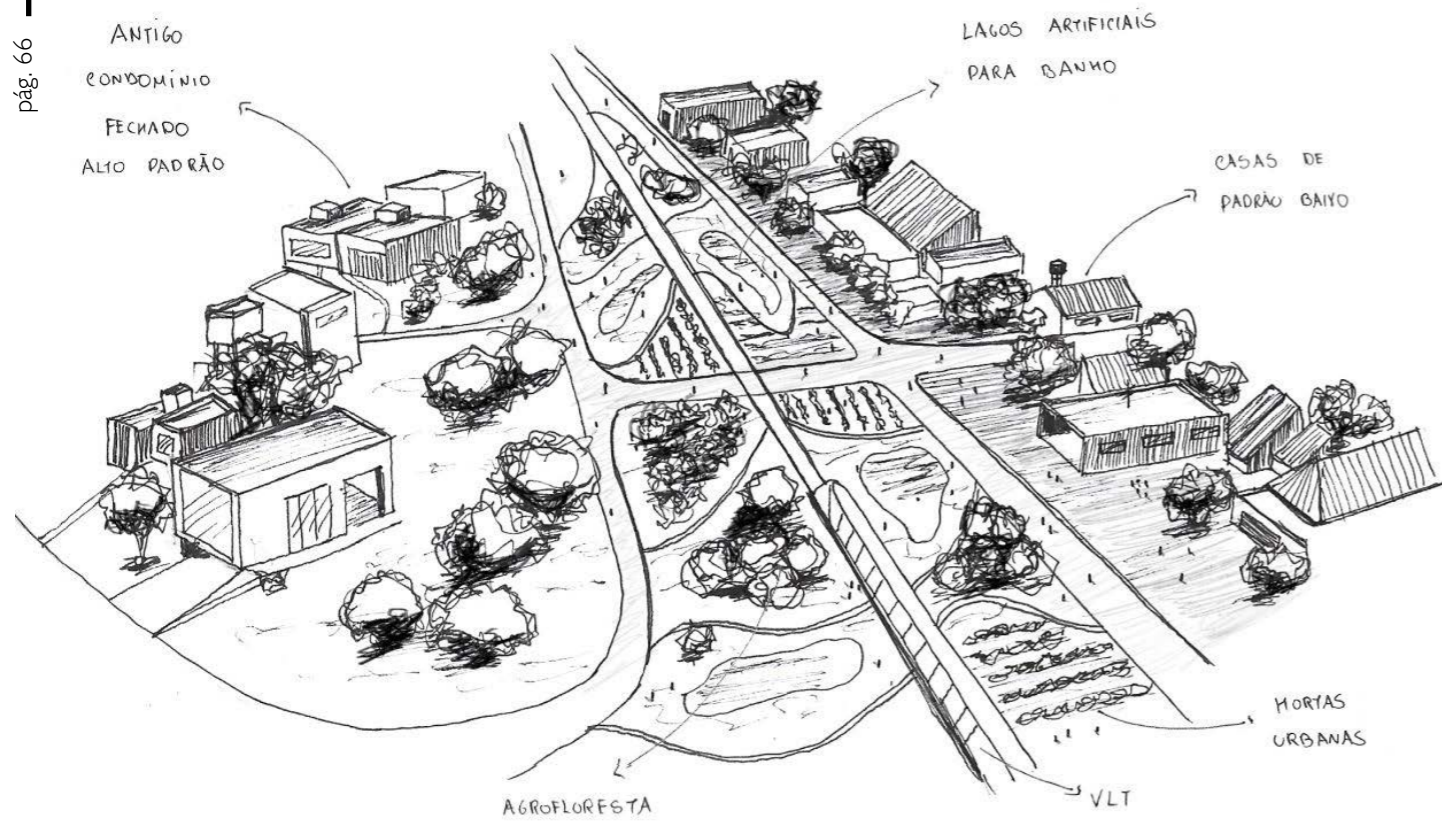


Fig. 27 - Croqui isométrico dos equipamentos urbanos de integração entre os antigos condomínios Alphaville e entorno implantados na Av. Gameleiras

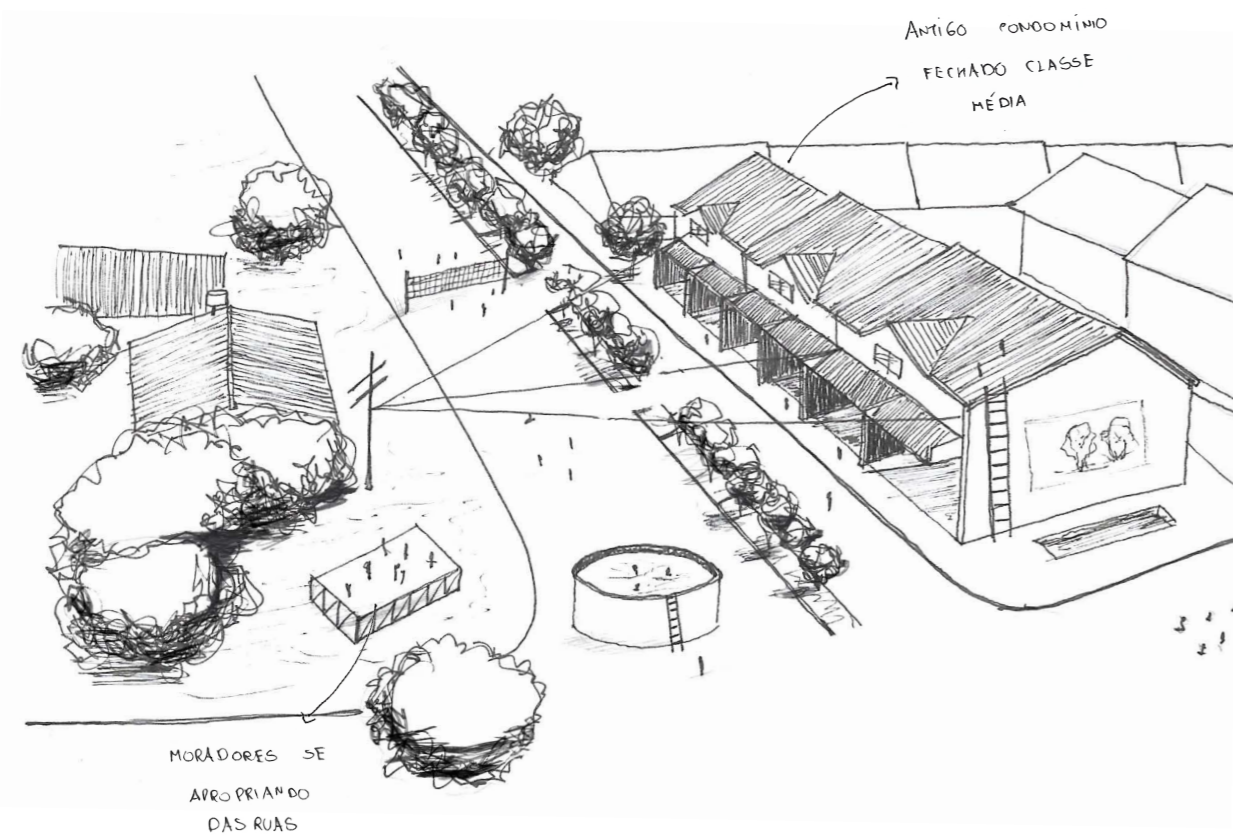


Fig. 28 - Croqui dos moradores de Goiânia usufruindo das construções existentes nos antigos condomínios da Alameda Imbé, no Parque Amazônia.

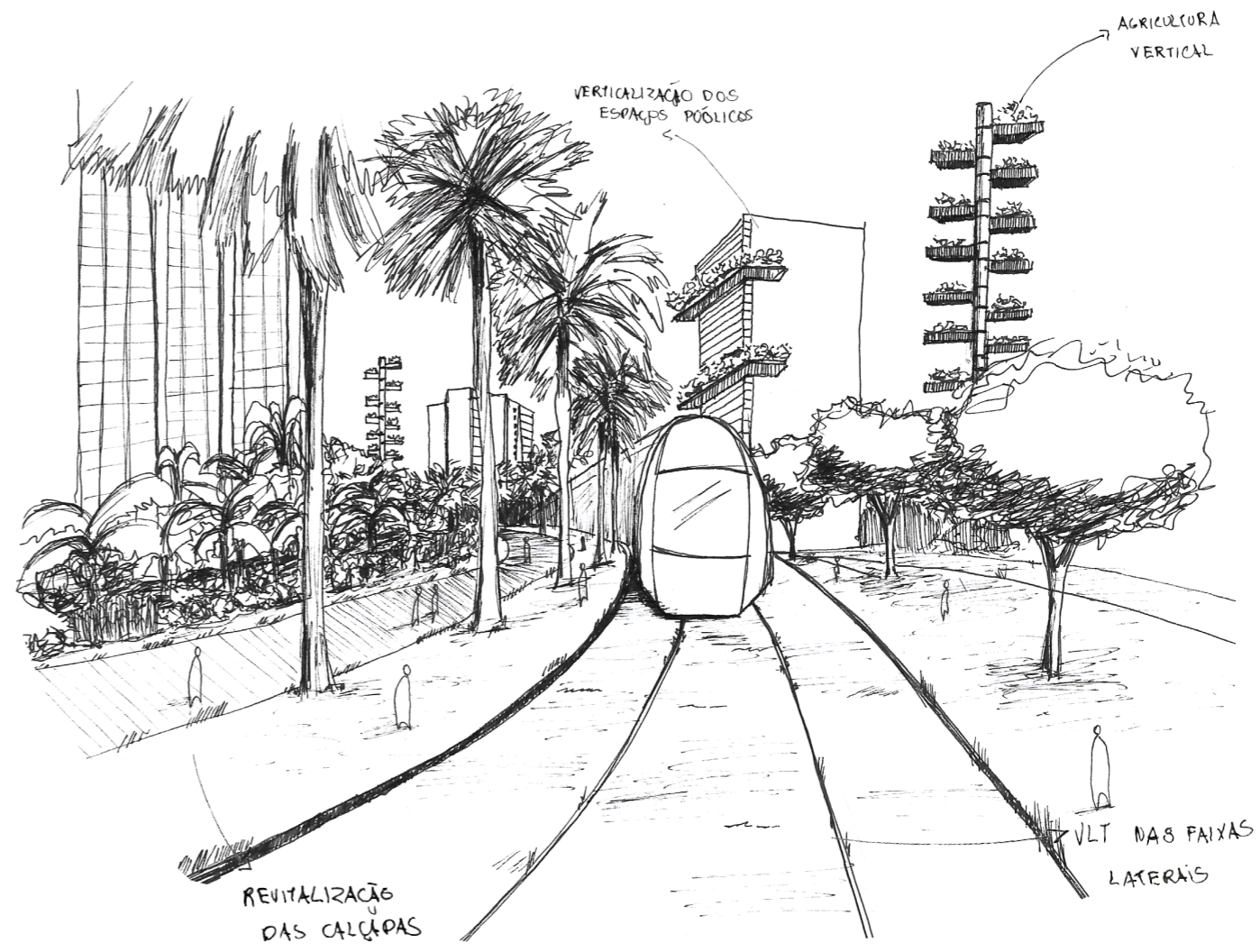


Fig. 29 - Croqui com as intervenções da Goiânia Utópica na praça cívica, próximo ao palácio Pedro Ludovico Teixeira

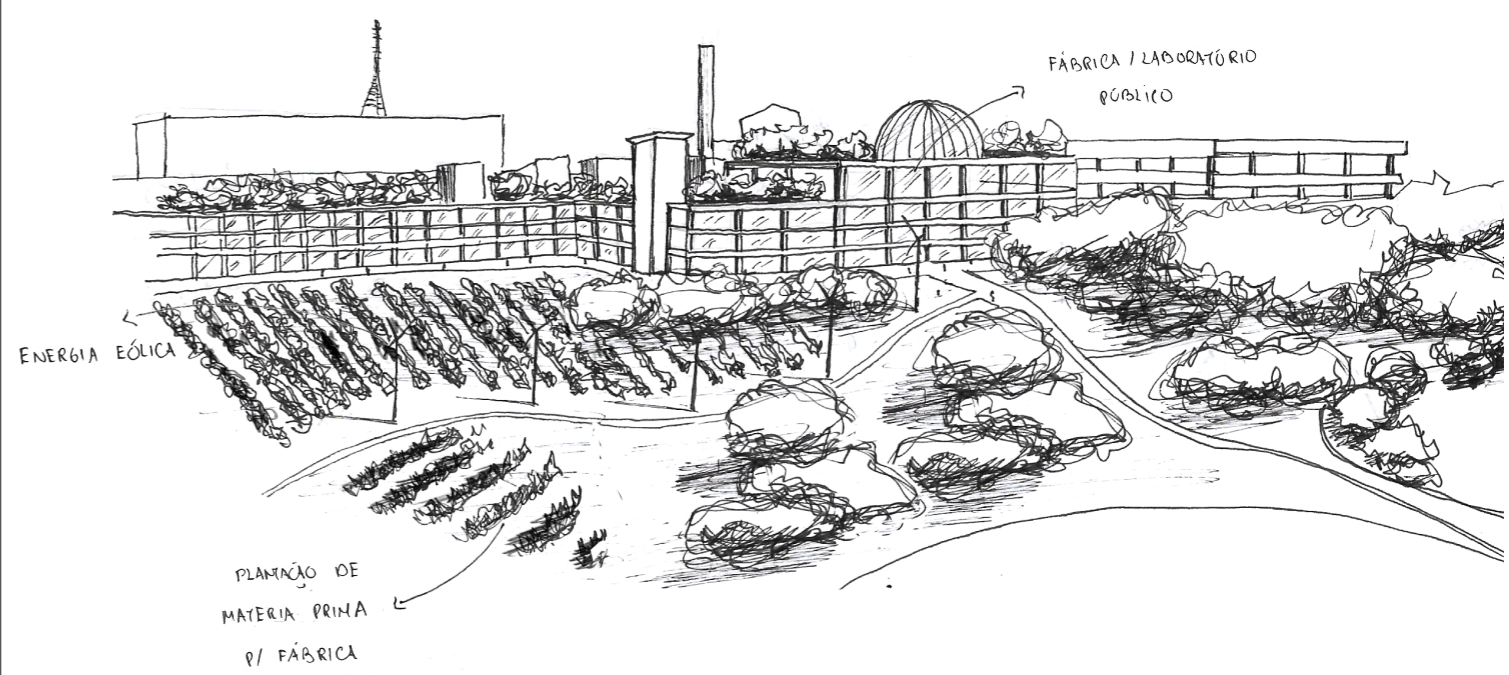


Fig. 30 - Croqui isométrico no antigo Shopping Flamboyant com as intervenções da Goiânia Utópica.

01

Sustentabilidade: É uma sociedade que tem consciência dos impactos ambientais gerados por sua condição e que trabalha para reverter os danos causados, sem desperdícios e sem exageros. É uma sociedade que valoriza e respeita o meio ambiente, e conseqüentemente, o bem estar comum social e coletivo, garantin-

do que todas as pessoas dessa geração e das próximas tenham suas necessidades atendidas: tenham acesso a água limpa, ar puro e alimentos saudáveis. A Goiânia Utópica se utiliza de fontes de energia renováveis e matérias primas locais, têm um forte contato com a natureza e com a territorialidade.

02

Igualdade: Uma cidade justa, baseada na igualdade e equidade, respeitando a diversidade e as possíveis necessidades especiais. O princípio da igualdade pressupõe que as pessoas colocadas em situações diferentes sejam tratadas de forma desi-

gual: "Dar tratamento isonômico às partes significa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades". (NERY JUNIOR, 1999, apud Portal JusBrasil).

03

Simplicidade/desaceleração: É uma sociedade que preza pela simplicidade das coisas e que aprendeu a voltar sua atenção para o que temos agora, o que já existe de disponível, sem abrir mão dos avanços tecnológicos, e sim conciliando-os a favor da qualidade de vida de todos e da qualidade

ambiental geral. Focando no agora e sem a complexidade de funções que existia na contemporaneidade, a sociedade passa a ter um ritmo de vida desacelerado, mais leve e saudável. A sociedade se mantém na simplicidade da vida, das relações e dos trabalhos.

04

Consciência: É uma sociedade com consciência do que acontece à sua volta. Consciência dos processos de fabricação dos produtos que consomem; conscientes dos impactos de suas ações no meio ambiente e na sociedade; conscientes de tudo aquilo que é essencial a manutenção da sua

forma de vida - por isso todos aprendem a produzir energia, a plantar alimentos, a cozinhar, a organizar e limpar a cidade - e todos aprendem a ser conscientes de si, entendendo suas necessidades e individualidades para que coletivamente todos estejam aptos a contribuir.

05

Liberdade: Todos são livres para serem e fazerem o que quiserem. As pessoas são livres para escolherem onde querem morar e com o que querem trabalhar, assim

como os dias e os períodos que melhor se adequam à sua rotina. Sempre estabelecendo um equilíbrio entre os direitos individuais e os direitos e obrigações coletivas.

06

Qualidade de tempo e de vida: A estruturação da Goiânia Utópica é organizada de forma que todos tenham seu tempo gasto com qualidade. Através de tecnologias que facilitem os trabalhos e através de trabalhos úteis e essenciais para o funcionamento da cidade e para o bem es-

tar da sociedade em geral. A presença de extensas áreas verdes na cidade reduz os impactos visuais e sonoros da cidade, tornando o espaço urbano mais agradável, o que somado a qualidade de tempo proporciona uma melhor qualidade de vida para os habitantes.



Fig. 31 - Pintura abstrata à mão.

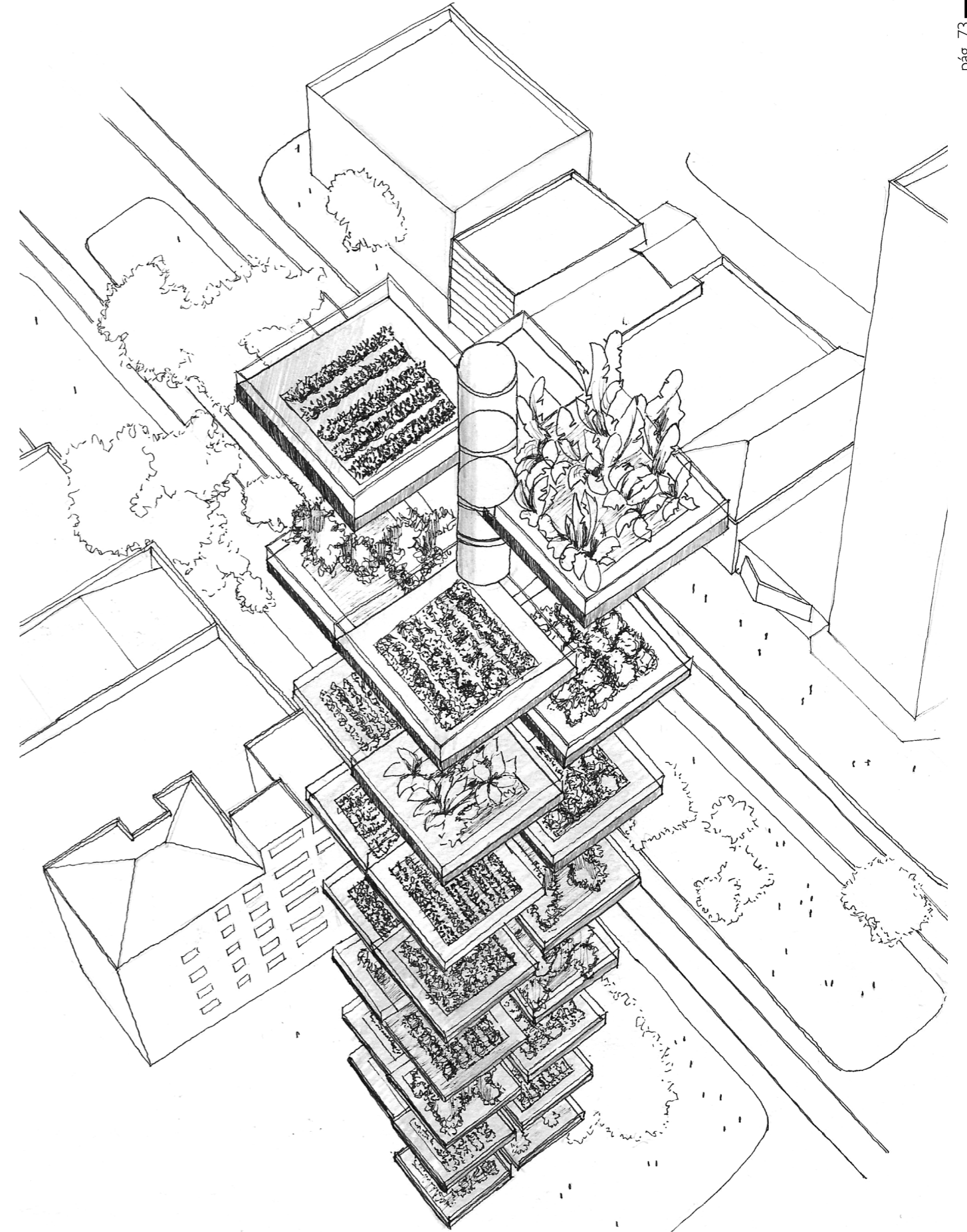


Fig. 32 - Agricultura vertical: Elevador central com plataformas para cultivo de alimentos distribuídas verticalmente pela estrutura.

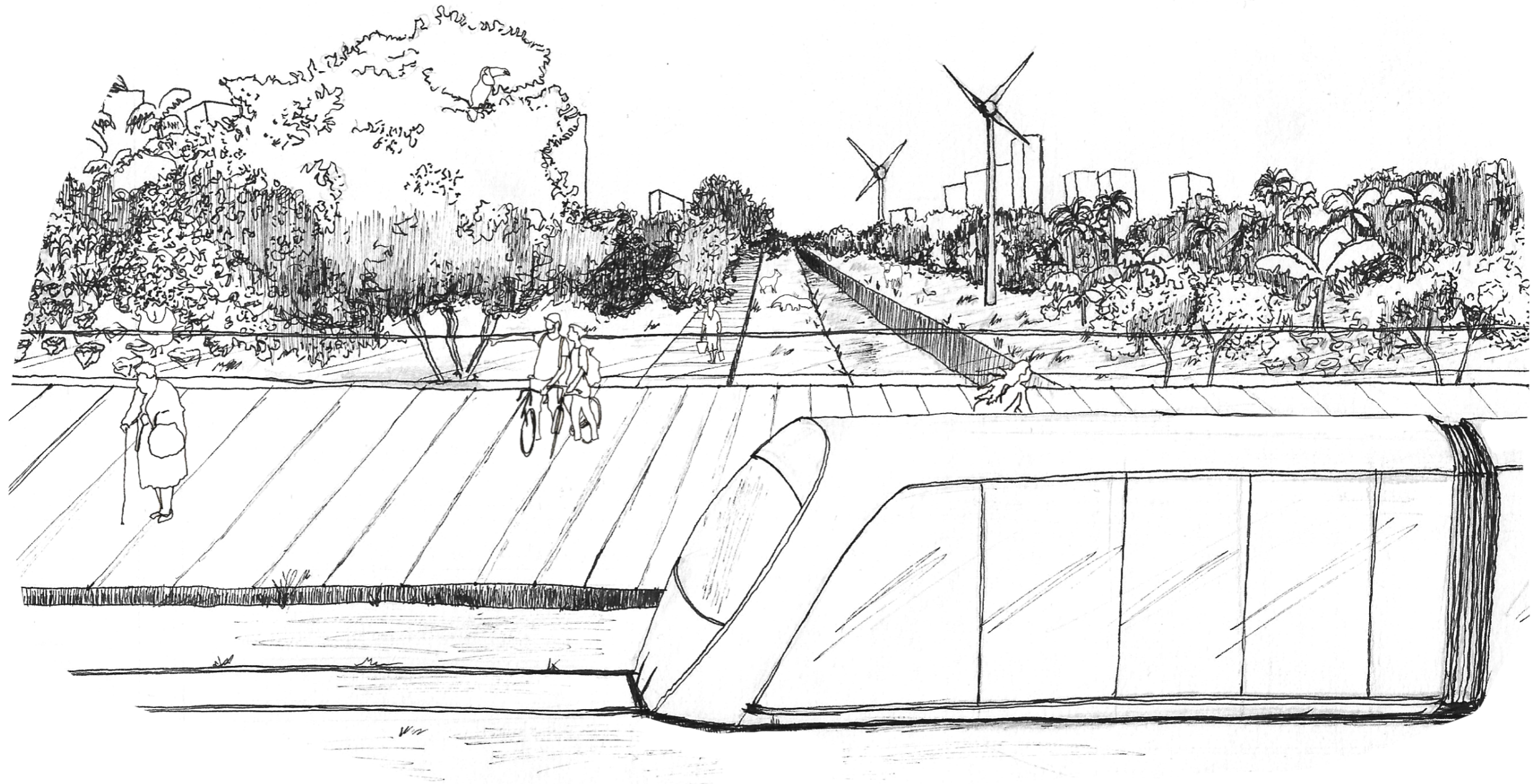


Fig. 33 - Ponte na Av 10, Setor universitário com vista para o córrego Botafogo renaturalizado.

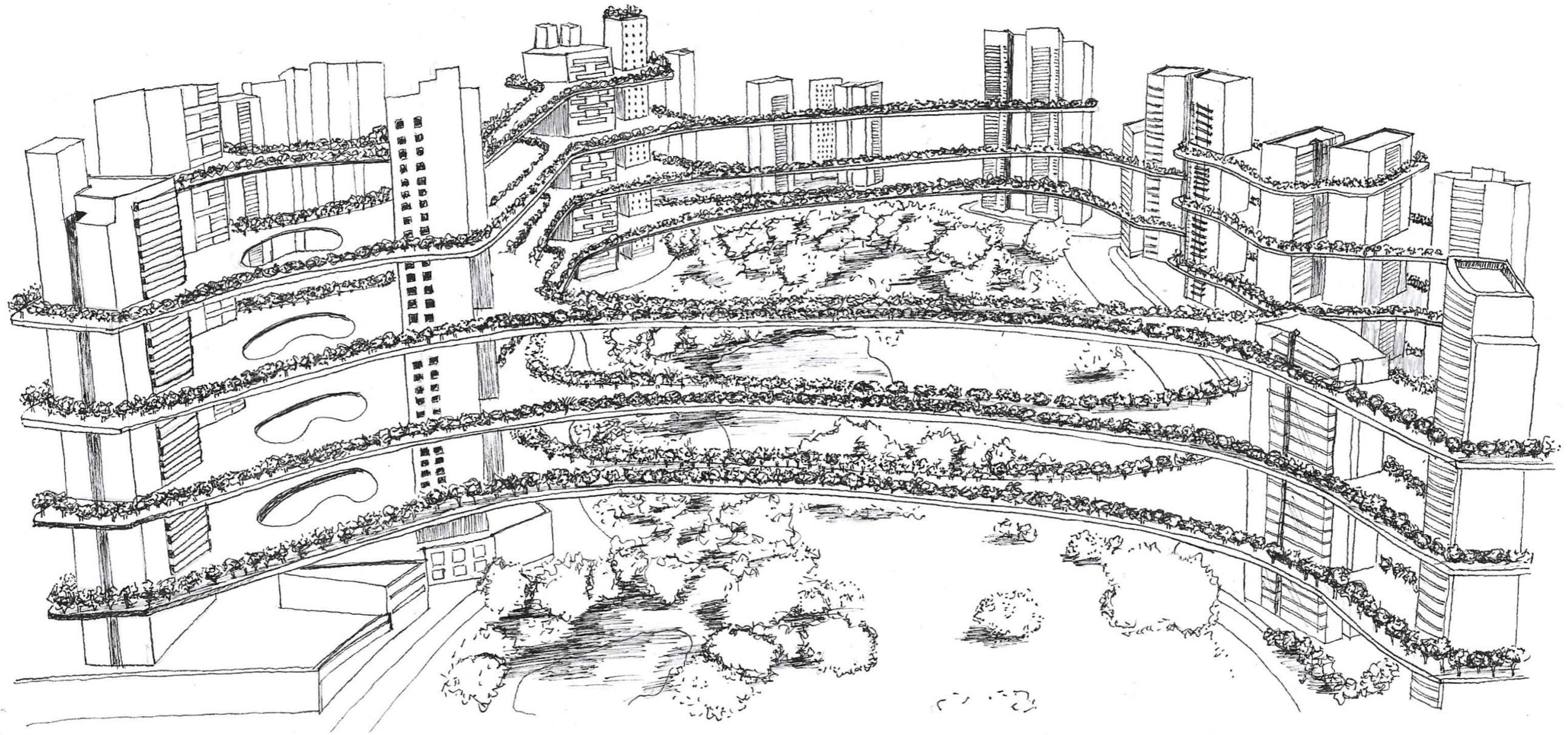


Fig. 34 Isometria do Parque Flamboyant. Estruturas verticais que conectam os edifícios entre si em áreas mais adensadas.

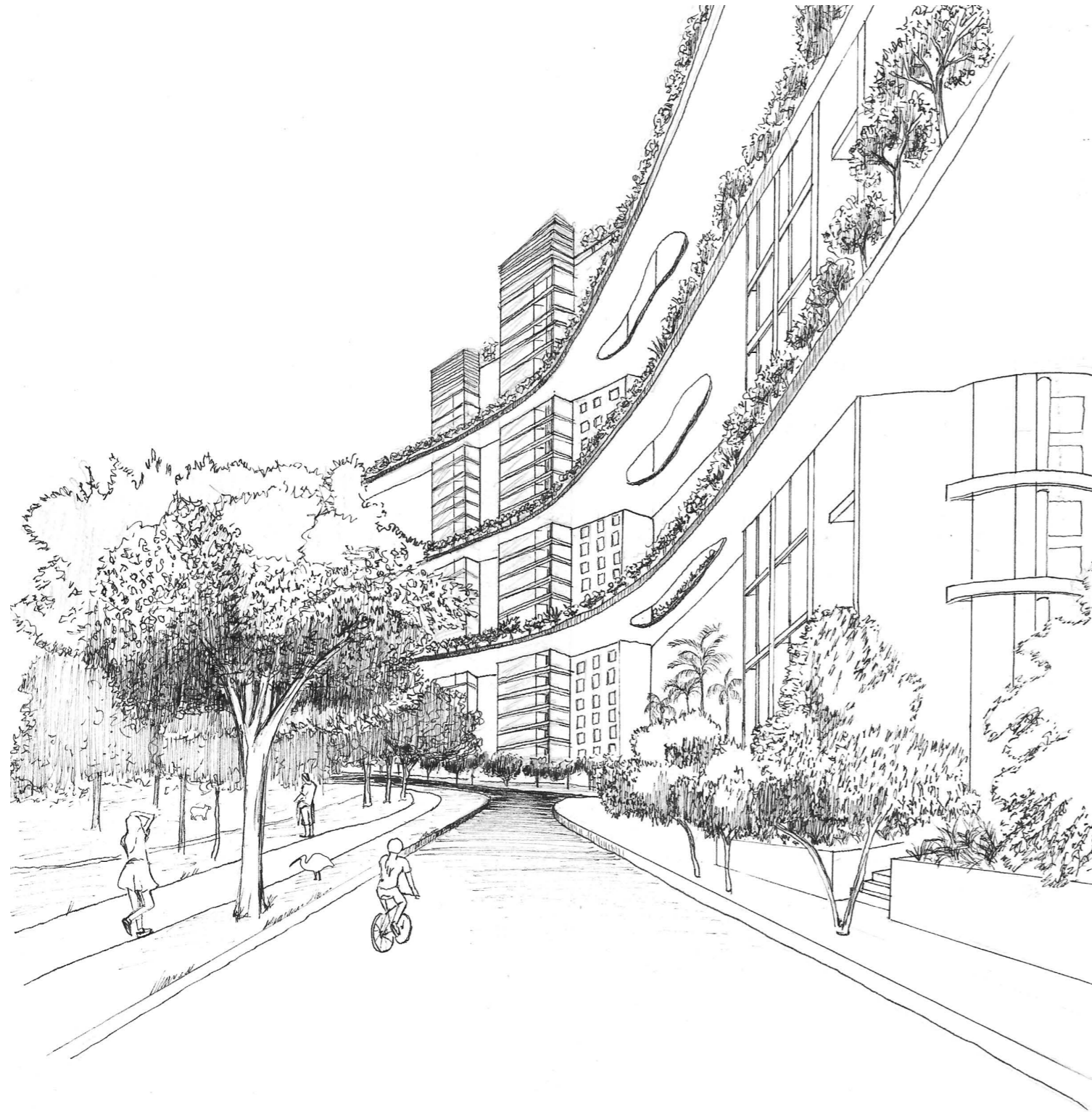


Fig. 35 - Perspectiva a nível do solo no Parque Flamboyant. Estruturas verticais que conectam os edifícios entre si em áreas mais adensadas.

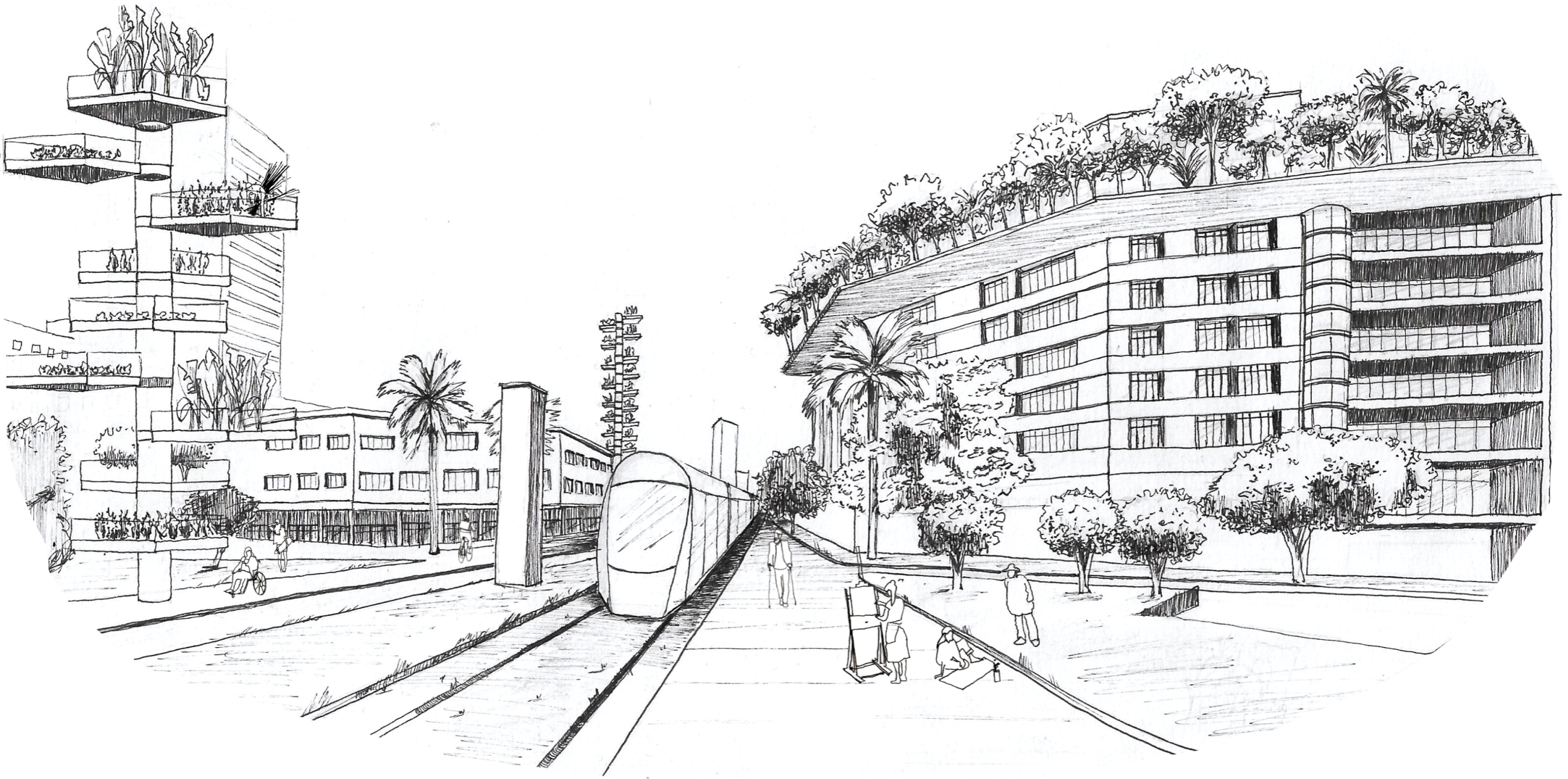


Fig. 36 - Cruzamento da Av. Anhangüera com a Goiás.

REFERÊNCIAS
TOTAIS

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

Fig. 01 - Pintura à mão; FONTE: Desenho da autora; pg.19

Fig. 02 - Pintura à mão; FONTE: Desenho da autora; pg. 20

Fig. 03 - Pintura à mão; FONTE: Desenho da autora; pg.23

Fig. 04 - Pintura à; FONTE: Desenho da autora; pg. 25

Fig. 05 - Pintura à mão; FONTE: Desenho da autora; pg.26

Fig. 06 - Pintura à mão com sobreposição digital de desenho à mão; FONTE: Desenho da autora; pg.29

Fig. 07 - Croqui perspectivado mostrando a composição física da cidade de Amaurota e arredores: Cidade dividida em quatro quadras, com formato similar a de um quadrado, murada duas vezes, banhada por um rio maior e um menor, hospitais e matadouros externos ao primeiro muro e casas agrícolas externas ao segundo muro; pg. 32

Fig. 08 - Carrinho de insumos alimentícios sendo expostos nas praças centrais de Amaurota para os pais de família coletarem; pg. 32

Fig. 09 - Fachada das casas de Amaurota: Casas de 3 pavimentos, em pedras, com esquadrias em vidro e jardins bem cuidados separando as casas umas das outras; pg. 35

Fig. 10 - Croqui da estrutura das ruas e casas da cidade de Amaurota conforme descrição de Thomas Morus: Casas de 3 pavimentos, em pedras, com esquadrias em vidro e jardins bem cuidados separando as casas umas das outras.pg. 35

Fig. 11- Pintura à mão; FONTE: Desenho da autora; pg.37

Fig. 12- Pintura à mão; FONTE: Desenho da autora; pg.40

Fig. 13 - Ilustração Heath Robinson; edição digital da autora; FONTE: <https://www.pinterest.co.uk/pin/559220478735090549/>; pg. 45

Fig. 14 - Ilustração Heath Robinson; edição digital da autora; FONTE: <https://www.pinterest.co.uk/pin/304555993555144396/>; pg. 45

Fig. 15 - Ilustração Heath Robinson; edição digital da autora; FONTE: <https://www.pinterest.co.uk/pin/334955291040334087/>; pg. 45

Fig. 16 - Ilustração Heath Robinson; edição digital da autora; FONTE: <https://www.pinterest.co.uk/pin/24206916738036895/>; pg. 45

Fig. 17 - Ilustração Heath Robinson; edição digital da autora; FONTE: <https://www.pinterest.co.uk/pin/56998751520254041/> ; pg. 45

- Fig. 18 - Composição de fotografias do livro "Os Tesouros de Pilgrim Gabinete de Desenho"; pg. 46
- Fig. 19- Composição de fotografias de cenários da cidade de Goiânia; FONTE: Fotos de Luccas Chaves com o acompanhamento da autora; pg. 50
- Fig. 20- Composição de fotografias de cenários da cidade de Goiânia; FONTE: Fotos de Luccas Chaves com o acompanhamento da autora; pg. 53
- Fig. 21 - Croqui com o córrego vaca brava aflorado na Av. T-10 no Setor Bueno. FONTE: Desenho da autora; pg. 61
- Fig. 22 - Croqui na antiga Marginal Botafogo, com o córrego Botafogo renaturalizado; FONTE: Desenho da autora; pg. 61
- Fig. 23- Croqui com as intervenções da Goiânia Utópica na Av 85, próximo ao viaduto Latif Sebba; FONTE: Desenho da autora; pg. 62
- Fig. 24 - Croqui com as intervenções da Goiânia Utópica no cruzamento da avenida Paranaíba com a Goiás. FONTE: Desenho da autora; pg. 62
- Fig. 25 - Croqui na antiga Marginal Botafogo, com o córrego Botafogo renaturalizado. FONTE: Desenho da autora; pg. 65
- Fig. 26 - Croqui com o córrego dos buritis aflorado em frente ao Ateneu Dom Bosco, no Setor Oeste. FONTE: Desenho da autora; pg. 65
- Fig. 27 - Croqui isométrico dos equipamentos urbanos de integração entre os antigos condomínios Alphaville e entorno implantados na Av. Gameleiras; FONTE: Desenho da autora; pg. 66
- Fig. 28 - Croqui dos moradores de Goiânia usufruindo das construções existentes nos antigos condomínios da Alameda Imbé, no Parque Amazônia. FONTE: Desenho da autora; pg. 66
- Fig. 29 - Croqui com as intervenções da Goiânia Utópica na praça cívica, próximo ao palácio Pedro Ludovico Teixeira; FONTE: Desenho da autora; pg. 69
- Fig. 30 - Croqui isométrico no antigo Shopping Flamboyant com as intervenções da Goiânia Utópica. FONTE: Desenho da autora; pg. 69
- Fig. 31 - Pintura à mão; FONTE: Desenho da autora; pg.71
- Fig. 32 - Agricultura vertical: Elevador central com plataformas para cultivo de alimentos distribuídas verticalmente pela estrutura. FONTE: Desenho da autora; pg.73
- Fig. 33 - Ponte na Av 10, Setor universitário com vista para o córrego Botafogo renaturalizado. FONTE: Desenho da autora; pg.75
- Fig. 34 Isometria do Parque Flamboyant. Estruturas verticais que conectam os edifícios entre si em áreas mais adensadas; FONTE: Desenho da autora; pg.76
- Fig. 35 - Perspectiva a nível do solo no Parque Flamboyant. Estruturas verticais que conectam os edifícios entre si em áreas mais adensadas; FONTE: Desenho da autora; pg.78
- Fig. 36 - Cruzamento da Av. Anhangüera com a Goiás; FONTE: Desenho da autora; pg.80

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-
- BARTALINI, Vladimir. *Os Córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos*, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43387> Acesso em: junho de 2021
- BERNARDES, Genilda D'arc & JÚNIOR, Ademar Azevedo Soares. *Condomínios horizontais fechados: reflexão sobre a configuração do espaço intrametropolitano de Goiânia*, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/3142> Acesso em: junho de 2021
- BELTRAME, Gabriella. *Vazios urbanos: notas sobre a escassez social do imóvel urbano*, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/9419> Acesso em: junho de 2021
- CABRAL, Cláudia Pintá Costa. *Uma fábula da técnica na cultura do estado do bem estar: Grupo Archigram, 1961-1974*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/861> Acesso em: junho de 2021
- CAMPOS, Roberto Cintra & PEIXOTO, Elane Ribeiro. *Não Lugares: Condomínios fechados em Goiânia (1990-2006)*, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/11026> Acesso em: junho de 2021
- CAÚLA, Adriana Mattos. *Sobre a Utopia, a Cidade e o Cinema. Salvador: XI Encontro nacional da associação nacional de pós graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional - ANPUR*, 2005. Disponível em: <http://www.xienanpur.ufba.br/531.pdf> Acesso em junho de 2021
- CHAUÍ, Marilena. *Notas sobre a Utopia. Sociedade brasileira para o progresso da ciência*, 2008. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500003 Acesso em; junho de 2021
- CHAVES, Vanessa. *Goiânia está entre as 5 cidades com mais condomínios horizontais no Brasil, diz pesquisa*. **O globo**, Portal G1-GO. 17/05/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/mercado-imobiliario/noticia/2019/05/17/goiania-esta-entre-as-5-cidades-com-mais-condominios-horizontais-no-brasil-diz-pesquisa.ghtml> Acesso em: junho de 2021
- CHOAY, Françoise. *Urbanismo, Utopia e realidades*, São Paulo: Perspectiva, 1979
- FERRANTE, Isabela Paiva Gomes & PEIXOTO, Elane Ribeiro. *Goiânia, a cidade genérica: estudo dos shopping centers*, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635118> Acesso em: junho de 2021
- HARVEY, David: *Spaces of Hope*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JUNIOR, Maurício Brugnaro. O retorno a um pensamento utópico reestruturado durante a pandemia. **Sindijus**, 2020. Disponível em: <http://sindijus.org.br/o-retorno-a-um-pensamento-utopico-reestruturado-durante-a-pandemia.html> Acesso em: janeiro de 2021

LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. *Cidades Complexas do Século XXI: ciência, técnica e arte*. São Paulo: São Paulo Perspec. v.15 n.3 jul./set 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250988015_Cidades_Complexas_no_Seculo_XXI_ciencia_tecnica_e_arte Acesso em: 02 de junho de 2021.

MONTANER, Josep Maria: *Depois do Movimento Moderno: Arquitetura da Metade do Século XX*. 1993

TOWNSED, Lucy. The elaborate appeal of Heath Robinson. **BBC News**, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-27813927> Acesso em: junho de 2021

MORUS, THOMAS: *Utopia*, 2001. Disponível em: <http://www.cpihts.com/PDF/THOMAS%20MORUS.pdf> Acesso em: 02 de junho de 2021.

OLIVEIRA, Fabiano Lemes: *Green Wedges Urbanism: History, Theory and Contemporary Practice*. Bloomsbury Publishing PLC, 2017.

PALLASMAA, Juhani: *A imagem Corporificada: Imaginação e imaginário na Arquitetura*. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PALLASMAA, Juhani: *As Mãos Inteligentes: a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura*. Porto Alegre: Bookman, 2013.

Princípio Constitucional da Igualdade, **Jusbrasil**, 2011. Disponível em <https://anajus.jusbrasil.com.br/noticias/2803750/principio-constitucional-da-igualdade> Acesso em: junho de 2021.

SAKATA, Francine Gramacho & MEDEIROS, Wilton & GONÇALVES, Fábio Mariz. Gentrificação verde em Goiânia: *O papel dos parques brasileiros do século XXI nas transformações urbanas*, 2018. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/grem/sociabilidadesurbanas/SocUrbs%20V2N6%202018%20C8%20ArtigoDossi%C3%AA8.pdf> Acesso em: junho de 2021

SCUSSEL, Maria Conceição & SATTTLER, Barletta Miguel Aloysio. *Cidades em (trans)formação: impacto da verticalização e densificação na qualidade do espaço residencial*, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ac/a/ffXpz7yGPtj6rdS3MjKvmrr/abstract/?lang=pt> Acesso em: junho de 2021